

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



## **O impacto da Economia no futebol argentino em comparação ao futebol brasileiro**

**Enrico Barroso Furtado**  
**Nº Matrícula: 1910504**

**Orientadora: Prof. Eliane Gottlieb**

Junho de 2023

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA

MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



## **O impacto da Economia no futebol argentino em comparação ao futebol brasileiro**

**Enrico Barroso Furtado**

**Nº Matrícula: 1910504**

**Orientadora: Prof. Eliane Gottlieb**

Junho de 2023

Declaro que este trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor

## **Agradecimentos**

Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe, Emildre, por ter sido sempre minha base de apoio, minha inspiração, sempre se fazer presente nos momentos em que eu mais precisei e por toda sua dedicação e empenho em criar dois filhos da melhor forma que uma mãe poderia.

Agradeço ao meu pai, Alexandre, por mover montanhas, se desdobrar para atender meus interesses e necessidades, ser um meu companheiro e alicerce, sempre buscar o melhor para o meu desenvolvimento e por ter me apresentado duas de minhas maiores paixões, o futebol e o Flamengo.

Sou grato a minha irmã, Sophia, por todo o nosso crescimento juntos, nossa confiança, que nos estruturou, nossas brigas, que nos fortaleceram, nossa conexão, amizade e comprometimento um com o outro. É ela a responsável, também, por completar a nossa família com a Rakki, uma linda cachorrinha que tomou nossos corações desde o final de julho de 2015.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas, desde o Colégio Santo Inácio até a PUC-Rio, que tornaram todos os meus momentos acadêmicos prazerosos e enriquecedores, se tornando uma família a parte para mim.

Por fim, agradeço a todos os professores que fizeram parte da minha caminhada e do meu desenvolvimento, responsáveis diretos pelo conhecimento adquirido ao longo do curso, em especial a professora Eliane Gottlieb por ter me instruído e auxiliado nesta monografia e ao professor Reinaldo Castro Souza por ter sido um dos meus incentivadores para que eu escolhesse o curso de Ciências Econômicas na PUC-Rio.

# Sumário

Lista de Gráficos e Tabelas .....	5
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. MOTIVAÇÃO .....</b>	<b>8</b>
2.1. Método .....	8
2.2. Resultados pretendidos .....	9
<b>3. REVISÃO DE LITERATURA .....</b>	<b>10</b>
<b>4. A ATUAL CRISE ECONÔMICA DA ARGENTINA.....</b>	<b>13</b>
4.1. Inflação .....	17
4.2. Câmbio .....	20
<b>5. COMPARAÇÃO ECONÔMICA BRASIL E ARGENTINA .....</b>	<b>23</b>
5.1. Cenário econômico atual do Brasil .....	23
5.2. Inflação .....	26
5.3. Câmbio .....	28
<b>6. MERCADO DE TRANSFERÊNCIAS NO BRASIL E NA ARGENTINA ....</b>	<b>31</b>
6.1. Volume de aquisição de times brasileiros e argentinos .....	31
6.2. Importação de jogadores do outro país .....	36
6.3. Receitas com transferências .....	38
<b>7. RESULTADO FINANCEIRO E ESPORTIVO DOS CLUBES .....</b>	<b>41</b>
7.1. Receita dos clubes .....	41
7.2. Resultado esportivo nos últimos anos .....	44
<b>8. CONCLUSÃO .....</b>	<b>45</b>
<b>9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## Lista de Gráficos e Tabelas

### Gráficos:

<b>Gráfico 1</b> - Relação dívida pública/PIB Argentina .....	14
<b>Gráfico 2</b> - Variação percentual do PIB da Argentina .....	15
<b>Gráfico 3</b> - Variação do PIB da Argentina .....	17
<b>Gráfico 4</b> - Taxa de Inflação por ano .....	18
<b>Gráfico 5</b> - Inflação Acumulada .....	19
<b>Gráfico 6</b> - Câmbio USD/ARS .....	20
<b>Gráfico 7</b> – Relação dívida pública / PIB Brasil .....	24
<b>Gráfico 8</b> - Crescimento do PIB por semestre .....	25
<b>Gráfico 9</b> - Inflação por ano no Brasil .....	27
<b>Gráfico 10</b> - Comparação inflação acumulada Brasil x Argentina .....	28
<b>Gráfico 11</b> - Variação do Câmbio USD/BRL .....	29
<b>Gráfico 12</b> - Variação USD/BRL, USD/ARS e BRL/ARS entre 2018 e 2022 .....	30
<b>Gráfico 13</b> - Variação USD/BRL e EUR/BRL .....	32
<b>Gráfico 14</b> - Variação USD/ARS e EUR/ARS .....	33
<b>Gráfico 15</b> - Despesas com transferências .....	34
<b>Gráfico 16</b> - Correlação entre variação anual do PIB da Argentina e variação anual das despesas com transferências dos clubes argentinos .....	36
<b>Gráfico 17</b> - Receitas com transferências .....	40
<b>Gráfico 18</b> – Acumulado das 20 maiores receitas dos clubes brasileiros por ano .....	42
<b>Gráfico 19</b> - Acumulado de títulos da Copa Libertadores .....	43

## **Tabelas:**

**Tabela 1** – Times europeus que mais gastaram com aquisição de jogadores para formar o elenco ..... 31

**Tabela 2** – Os 15 times de Brasil e Argentina que mais gastaram com aquisição de jogadores para formar o elenco ..... 35

**Tabela 3** - Jogadores argentinos, em clubes argentinos, que se transferiram para clubes da primeira divisão do Brasil ..... 37

**Tabela 4** - Jogadores brasileiros, em clubes brasileiros, que se transferiram para clubes da primeira divisão da Argentina ..... 37

## 1. Introdução

Em 2022, a final da Copa Libertadores da América, principal torneio sul-americano de clubes de futebol, teve, pelo terceiro ano consecutivo, o enfrentamento de duas equipes brasileiras. O recente domínio do futebol brasileiro frente aos clubes argentinos, principais rivais dos brasileiros na competição, pode ser explicado pelo desempenho econômico dos dois países nos últimos anos e pela contínua crise econômica no país vizinho.

Apesar de acentuada no período da pandemia da Covid-19, a crise econômica argentina prolonga-se há vários anos. Desde 2012, o país apresentou crescimento do PIB com relação ao ano anterior em apenas quatro oportunidades (2013, 2015, 2017 e 2021). Paralelamente, os índices inflacionários e de preços ao consumidor tiveram um salto nesse período.

Essa combinação de fatores vem impactando o câmbio argentino de forma significativa em um mundo globalizado, onde as transações, principalmente internacionais, tendem a serem feitas em moedas dominantes na sociedade (como o dólar e o euro), e no meio do futebol não é diferente.

Portanto, em uma atividade econômica que realiza suas negociações predominantemente em dólar e euro, países que enfrentam tamanha desvalorização cambial tendem a ser enfraquecidos nessa atividade frente a outros que não passem por situação tão agravante. Este é o caso que enfrenta o futebol argentino hoje em comparação ao futebol brasileiro, com o aumento da disparidade de investimento entre os dois países.

Através deste trabalho, pretendo mostrar que este é um processo que evoluindo nos últimos anos, se intensificando com a pandemia de Covid-19, e, portanto, não deveria ser surpresa dada a disparidade econômica entre os dois países nos últimos anos, afetando diretamente o esporte mais popular dessas nações.



## **2. Motivação**

O futebol não apenas se tornou marco cultural do país e algo presente e indispensável na vida de milhões de brasileiros, mas também possui relevância nacional o suficiente para impactar a economia do Brasil e ser impactado pela flutuação dos índices econômicos. Tal qual o Brasil, a Argentina também possui legiões de fãs pelo esporte, que, similarmente, tem uma influência não apenas social no país, mas também econômica, movimentando bilhões de dólares em negociações de jogadores, faturamento com o espetáculo, empregabilidade entre outros aspectos.

Os estudos feitos que unem esportes e economia apontam, muitas vezes qual o impacto do primeiro no desempenho econômico do país, seja a atividade em si ou eventos específicos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. A motivação para a elaboração desta monografia passa por fazer uma pesquisa no sentido contrário e observar como o desempenho econômico da Argentina e do Brasil contribui, ou prejudica, a performance esportiva dos clubes de futebol e como estes são afetados financeiramente.

Durante anos, a principal competição sul-americana de futebol, a Copa Libertadores, teve os clubes argentinos como protagonistas enquanto os times brasileiros ficavam em segundo plano, especialmente na primeira metade do século XXI. Logo, o recente domínio do futebol brasileiro sobre o futebol argentino nessa competição de clubes pode causar estranheza para aqueles que temiam enfrentar clubes argentinos no passado por conta da mística e tradição destes neste tipo de torneio, porém, como veremos ao longo deste estudo, a economia vem tendo um papel importante para que os brasileiros prevaleçam sobre os argentinos atualmente.

### **2.1. Método**

A monografia será feita com base no acompanhamento dos principais indicadores econômicos do Brasil e da Argentina no século XXI, especialmente o PIB, a taxa de câmbio e a inflação, dissertando sobre a evolução e variações destes ao longo do período

determinado e trazendo comparativos gráficos quanto a índices de crescimento econômico, inflação, câmbio entre outros.

Depois, será feito um estudo do mercado de transferência de jogadores, com dados quantitativos obtidos no site Transfermarkt, especializado nas negociações de atletas de futebol, para analisar como as equipes de Brasil e Argentina investem em seus elencos e as chances dessas diferenças de investimento refletiram no sucesso dos clubes nas competições esportivas.

A partir da exposição e estudo dos indicadores econômicos e do mercado de transferências nesses países será possível compreender qual o grau de correlação entre a economia e o futebol, implicando esses indicadores neste mercado. Além disso, serão feitas, também, observações quanto ao faturamento dos principais clubes destes países e como esses faturamentos são afetados pela economia e afetam na aquisição de jogadores.

Por fim, farei o levantamento dos campeões das principais competições sul-americanas no século XXI, além dos resultados dos embates entre times brasileiros e times argentinos ao longo do tempo, e assim poderemos ver como a economia dos dois países interferiu no resultado esportivo durante o período analisado.

## **2.2. Resultados Pretendidos**

A pretensão deste estudo é criar uma análise clara de como os indicadores econômicos, especialmente a taxa de câmbio, a taxa de inflação e a taxa de desemprego, afetam o futebol no que tange às despesas dos clubes, receitas de *matchday*, aquisições e vendas de jogadores, premiações esportivas, entre outras vertentes do faturamento de times de futebol.

Após isso, a comparação entre as economias de Brasil e Argentina se fará necessária para que essa dissertação possa mostrar o porquê da mudança de cenário no domínio da competição de futebol mais importante do continente, a Copa Libertadores. Deve ser passível de fácil entendimento como as variações nos índices econômicos nacionais afetaram mais os clubes argentinos a ponto de, atualmente, os times brasileiros prevalecerem no torneio.

### 3. Revisão de Literatura

Os efeitos da situação econômica de um país no desenvolvimento de todo o âmbito esportivo e a participação deste tipo de atividade na economia já são objetos de estudos e pesquisas que buscam entender e explicar as relações entre esses segmentos.

No Brasil, a indústria do futebol e toda sua cadeia produtiva representam um impacto de 0,72% do PIB nacional, de acordo com relatório apresentado em 2019 pela consultoria Ernst & Young juntamente à CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Esse valor seria equivalente a R\$52,9 bilhões à preços da época. A pesquisa nos traz não apenas o montante movimentado (R\$ 11 bilhões) diretamente pelos principais agentes do futebol nacional, clubes, CBF e federações estaduais, mas também todas as outras atividades indiretas que estão relacionadas ao esporte, por meio de patrocinadores, mídia, torcedores, entre outros segmentos da economia e sociedade. O relatório aponta o impacto na economia como um efeito conjunto das áreas que apoiam o futebol (através de patrocínios, campanhas de marketing, transmissões nas plataformas de mídia) e as atividades e negócios em que o esporte contribui para o desenvolvimento, como hotelaria, transportes públicos e da indústria do vestuário.

Como se pode observar através dos números e informes apresentados pelo artigo, o futebol movimenta parte relevante da economia e, por assim ser, é de se esperar que os principais índices econômicos também tenham impacto na cadeia produtiva do esporte.

Arthur Sandes (2020), em publicação para o UOL Esporte, apontou que a seguida desvalorização do câmbio brasileiro à época implicava em um bom momento para receber moedas estrangeiras, especificamente o dólar e o euro que são as mais utilizadas para transações no meio futebolístico, enquanto, de contrário, compras internacionais se tornariam mais caras. Outro fator que acaba ganhando maior relevância com a valorização das moedas internacionais é a premiação pega pela Conmebol, Confederação Sul-Americana de Futebol, em seus torneios, a Copa Libertadores e a Copa Sul-Americana.

Em suma, o artigo demonstra que a desvalorização do câmbio prejudica as compras internacionais, que no meio futebolístico representam majoritariamente a aquisição de

jogadores, incentivam a venda, ou seja, a saída de atletas de suas equipes para outros mercados, e aumentam a importância de torneios e outras fontes de receita que pagam aos clubes em moeda estrangeira. Essas três consequências no futebol decorrentes de flutuações nos índices econômicos, nesse caso o câmbio, serão as principais analisadas nesta monografia.

Complementando a discussão, Rodrigo Capelo (2016), jornalista especializado em negócios do esporte, escreveu para a revista *Época*, sobre o impacto da inflação no futebol. No artigo, ele cita a dificuldade dos principais clubes do Brasil, entre 2012 e 2015, em aumentar o valor real da receita frente aos índices de inflação. Como exemplo, ele cita a situação do Flamengo que em 2014 havia faturado R\$ 347 milhões e em 2015 esse faturamento havia aumentado para R\$ 356 milhões. Entretanto, a inflação no ano de 2015 foi de 10,7%, o que faria com que o clube tivesse que arrecadar acima de R\$ 384 milhões para apresentar ganho real, logo, ao final do período de 2015, o Flamengo havia perdido poder de compra comparado ao ano anterior.

A inflação afeta não apenas o poder de compra da arrecadação de um clube de futebol, mas também o potencial de faturamento. Como descreveu Cesar Grafietti (2020), em artigo ao InfoMoney sobre as consequências da Covid-19 para o futebol brasileiro, um aumento da pressão inflacionária faz com que haja um menor consumo de atividades não-essenciais, o que impacta em grande parte da cadeia produtiva do esporte, seja com venda de ingressos, assinatura de pacotes de transmissão ou receitas provenientes de marketing e patrocínios. O autor sintetiza dizendo que menos renda nas mãos dos torcedores implica em menor arrecadação por parte dos clubes, e, em períodos de alta inflação, com elevação nos custos e receitas estagnadas, as preocupações e estragos podem ser grandes.

O impacto da estrutura econômica local também é um fator relevante a ser analisado quanto ao sucesso de equipes de futebol. Fábio Fernandes (2020), em sua dissertação “As equipas profissionais de futebol português são influenciadas pela situação econômica do concelho?”, aponta que a presença de clubes de primeira divisão em um concelho, ou município, está associada a níveis elevados de densidade populacional e empresarial deste. Por sua vez, esses elevados níveis dependem da competitividade da região, isto é, sua capacidade de gerar novas empresas e, conseqüentemente, novos empregos no médio e

longo prazo, sendo esses fatores determinantes para a retenção de nativos qualificados e atração de novos habitantes por meio da imigração.

Assim, Fernandes infere que o desenvolvimento e crescimento da região implica em vários reflexos na estrutura socioeconômica, que está diretamente relacionada a evolução dos esportes e as instituições que o cercam, especialmente quanto maior for o volume de gastos e as exigências para se alcançar o sucesso esportivo. Por essa conexão, o futebol, como uma modalidade que requer maiores custos envolvidos para que se tenha objetivos de maior ambição, apresenta resultados melhores em lugares onde o nível de desenvolvimento é adequado de forma que auxilie em sua evolução. Portanto, o estudo nos mostra que regiões que apresentem maior crescimento e progresso socioeconômico, tendem a ter objetivos e resultados mais ambiciosos em comparação a regiões que apresentem números piores em tais índices.

#### **4. A atual crise econômica da Argentina**

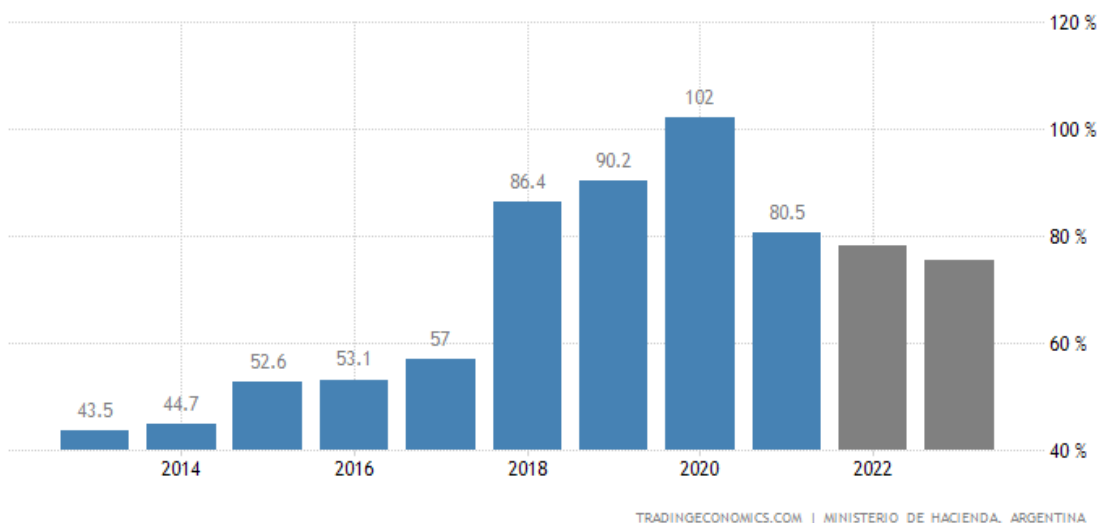
Este capítulo irá abordar a situação econômica atual da Argentina, marcada há décadas por instabilidades em seus indicadores da economia, como a taxa de inflação, medida pelo IPC (Índice de Preços ao Consumidor), a taxa de câmbio e a taxa de desemprego, agravados pela crise iniciada em 2018 e que refletem o conturbado momento vivido pelo país vizinho.

A crise econômica da Argentina em 2018 e 2019 foi um tema de interesse mundial e despertou a atenção de diversos pesquisadores e analistas econômicos. Neste trabalho, serão apresentados alguns dos principais fatores que contribuíram para a crise, bem como as medidas tomadas pelo governo para tentar solucioná-la.

A crise argentina foi causada por uma série de fatores internos e externos, combinados, como podemos ver no artigo “A crise argentina de 2018: antecedentes e interpretação” para o *Brazilian Journal of Political Economy*, citando a instabilidade política, a alta inflação, o aumento da dívida pública e a queda no preço das commodities. Esses fatores levaram a uma desvalorização do peso argentino, o que teve um impacto negativo na economia do país.

A incerteza política também contribuiu para a crise, uma vez que a eleição do presidente Mauricio Macri em 2015 gerou expectativas elevadas de que o país iria se recuperar rapidamente. No entanto, a incapacidade do governo em lidar com as questões econômicas e a falta de confiança dos investidores levou à deterioração da economia argentina.

Além disso, a Argentina estava enfrentando um alto déficit fiscal e uma crescente dívida pública, que cresceu de 52% do PIB em 2015 para mais de 90% em 2018. Essa situação levou a um aumento nas taxas de juros, o que tornou o custo do financiamento ainda mais alto.

**Gráfico 1 - Relação dívida pública/PIB Argentina**

Fonte: Gráfico retirado no site Trading Economics (<https://pt.tradingeconomics.com/argentina/government-debt-to-gdp>)

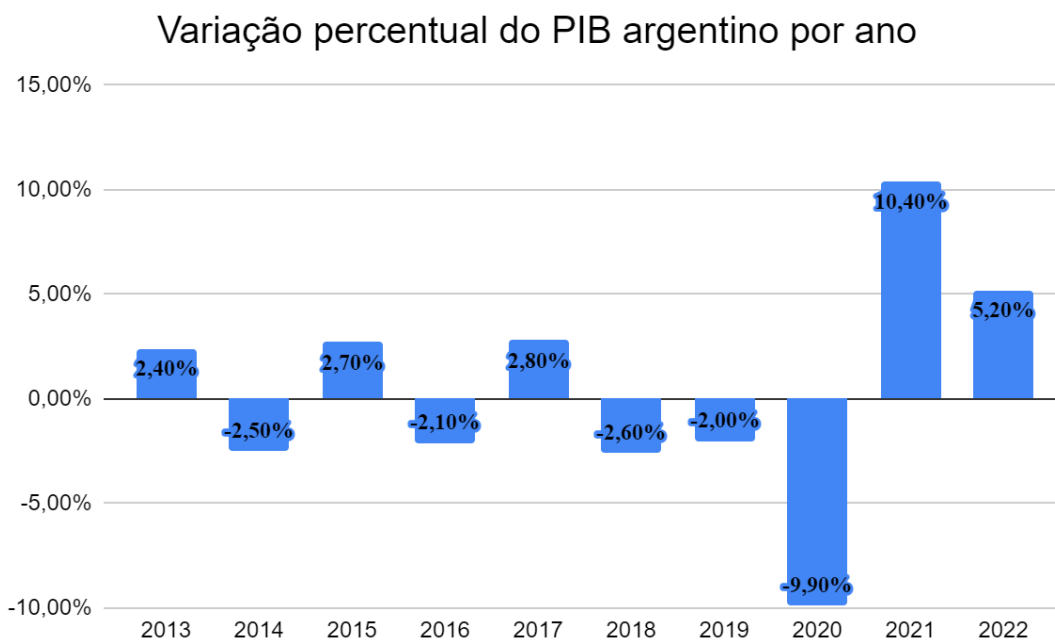
Para tentar resolver a crise, o governo argentino recorreu ao Fundo Monetário Internacional (FMI) em 2018, buscando um empréstimo de US \$ 57 bilhões. No entanto, as condições impostas pelo FMI, como as políticas de austeridade, foram altamente impopulares e levaram a uma onda de protestos no país. As políticas de austeridade impostas pelo FMI tiveram um impacto negativo na economia argentina, reduzindo a atividade econômica e aumentando a pobreza no país.

Em conclusão, a crise econômica da Argentina em 2018 e 2019 foi causada por uma combinação de fatores internos e externos, incluindo a instabilidade política, a alta inflação, o aumento da dívida pública e a queda no preço das commodities. O governo argentino tentou resolver a crise buscando ajuda externa do FMI, mas as políticas de austeridade impostas pelo Fundo tiveram um impacto negativo na economia do país.

A pandemia de COVID-19 agravou ainda mais a situação, tornando ainda mais difícil para a Argentina se recuperar da crise. Tendo um impacto negativo na economia global, com efeitos desastrosos em muitos países, a Argentina não foi exceção. De acordo com dados do INDEC (*Instituto Nacional de Estadística y Censos*) para as contas nacionais do país, em 2020 o PIB argentino teve uma queda de -9,90%, comparado ao ano de 2019. A

pandemia levou a uma redução significativa na atividade econômica, com muitos setores, como turismo, restaurantes e hotéis, enfrentando uma queda drástica nas receitas.

**Gráfico 2** - Variação percentual do PIB da Argentina



**Fonte:** Autoria própria, utilizando os dados do INDEC (*Instituto Nacional de Estadística y Censos*)

Ademais, a pandemia exacerbou as dificuldades econômicas que a Argentina já vinha enfrentando antes da crise. Nos anos anteriores à pandemia, o país havia enfrentado inflação elevada, um aumento da dívida pública e um déficit fiscal crescente. Esses problemas foram agravados pela pandemia, que aumentou a pressão sobre as finanças públicas e limitou a capacidade do governo de tomar medidas fiscais e monetárias para estimular a economia.

Diante desse cenário, o governo argentino tomou uma série de medidas para tentar enfrentar a crise. Entre as medidas adotadas estão o aumento do gasto público em programas sociais, a redução das taxas de juros e a suspensão temporária do pagamento de



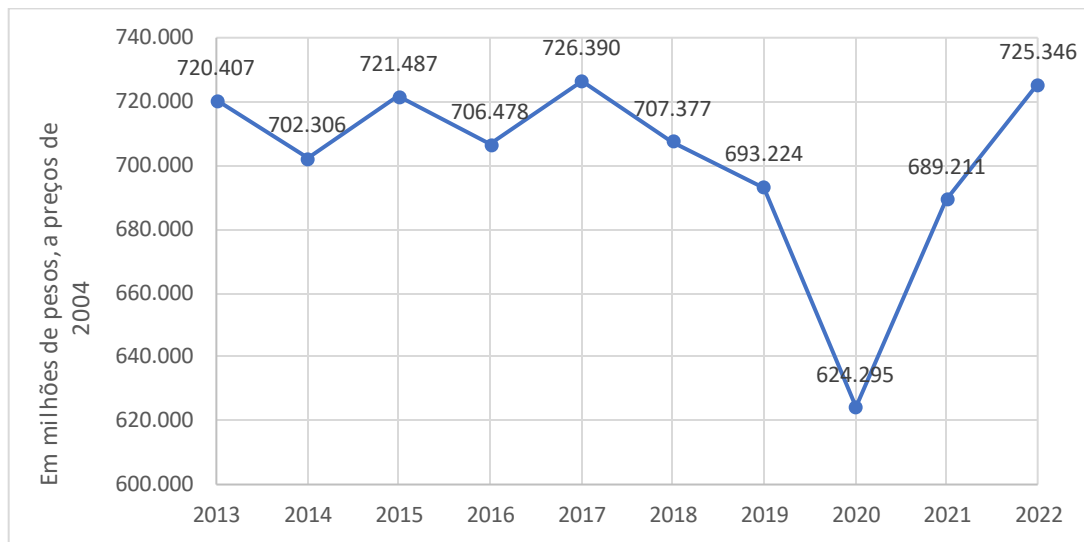
dívidas externas. Além disso, o governo implementou medidas para limitar a propagação do vírus, como o fechamento de fronteiras e a adoção de medidas de distanciamento social.

No entanto, essas medidas não foram suficientes para reverter a queda na atividade econômica, e a Argentina continuou enfrentando uma recessão durante a pandemia.

Nos anos de 2021 e 2022, o país latino-americano sofreu com a dificuldade em contornar e controlar a crise econômica sistêmica, que se agravava com a pandemia de Covid-19. Apesar do crescimento do PIB nesses anos, de 10,4% e 5,2% respectivamente, segundos dados do INDEC, o nível de atividade econômica da Argentina ao final de 2022 ainda estava abaixo do patamar apresentado em 2017, ano anterior ao início da mais recente crise.

Em vista de uma melhor compreensão da situação econômica do país nesse período, os estudos realizados pelos informes de estabilidade financeira, emitidos semestralmente pelo BCRA (Banco Central da República Argentina), auxiliam esse objetivo, uma vez que esses informes demonstram a análise e projeção do mercado argentino na ótica de uma das principais instituições financeiras do país e como essa fomentou e fomentará suas decisões de política monetária com base no cenário exposto.

Assim, o Informe de Estabilidade Financeira de dezembro de 2021 apontava que “[...] esta potencial vulnerabilidade do sistema financeiro continuaria a ser a relativamente mais relevante para 2022 [...]”, indicando que as oscilações e a fragilidade do sistema financeiro argentino em 2022 frente ao cenário de crise sanitária, e suas decorrências, poderia trazer maior volatilidade e impacto para a economia do país.

**Gráfico 3 - Variação do PIB da Argentina**

**Fonte:** Autoria própria, utilizando os dados do INDEC (*Instituto Nacional de Estadística y Censos*) para o valor do PIB, em milhões de pesos, a preços de 2004.

Nos próximos subcapítulos, esta presente dissertação entrará mais a fundo nos índices de inflação, câmbio e desemprego da Argentina nos últimos anos, a fim de não apenas entender suas variações e o impacto desses na crise econômica que sofre o país, mas também utilizar de seus estudos para compreender como estes afetam o mercado do futebol e toda a cadeia produtiva em torno deste esporte.

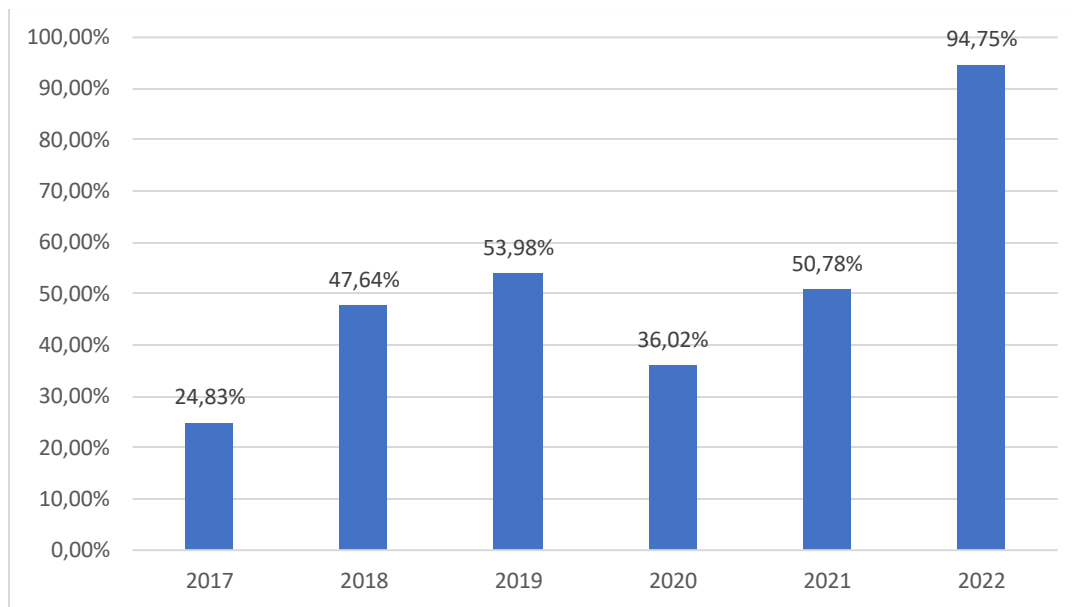
#### 4.1. Inflação

A Argentina tem enfrentado uma crise inflacionária nos últimos anos que tem afetado significativamente a economia do país. Desde de 2018, ano em que se inicia a crise econômica que perdura até os dias atuais, a inflação no país vem crescendo de forma vertiginosa. De acordo com dados do FMI, a Argentina possui, desde 2017, a segunda maior taxa de inflação na América do Sul, atrás apenas da Venezuela, estando os dois países entre os mais inflacionários do mundo nos últimos anos.

A inflação argentina, conforme consta nos dados do INDEC para o IPC (Índice de Preços ao Consumidor), teve um acumulado de inflação de 183% entre 2016 e 2019 em níveis já elevados quando comparados aos outros países sul-americanos, com exceção à

Venezuela. Porém, a inflação a partir de 2020, ano da pandemia da Covid-19, alcançou patamares poucas vezes visto no país, com uma inflação acumulada de quase 400% nos últimos 3 anos, ressaltada pelo ano de 2022 em que a taxa de inflação ficou acima de 94%, recorde da Argentina no século XXI.

**Gráfico 4 - Taxa de Inflação por ano**



**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do INDEC (*Instituto Nacional de Estadística y Censos*) para o IPC

Com o nível de atividade desacelerando (como pode-se observar nos gráficos 2 e 3), o governo argentino aumentou as políticas e os gastos públicos, com o objetivo de aquecer a economia e atender a população de menor renda, que acaba sendo mais exposta, em termos socioeconômicos, em épocas de crises como a da Covid-19. Além disso, o BCRA (Banco Central da República Argentina) reduziu as taxas juros, barateando o preço de se tomar crédito (empréstimos), também com o intuito de aumentar os investimentos internos do país e elevar a produtividade.

Assim, uma das principais causas da crise inflacionária na Argentina tem sido a política fiscal insustentável. O país tem apresentado déficits fiscais elevados e crescentes, o que tem

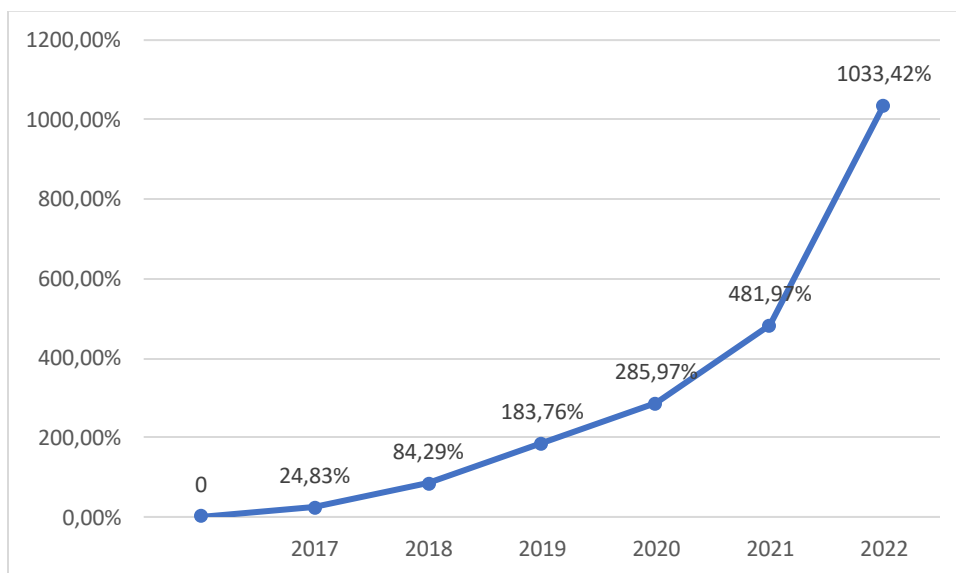
levado a um aumento da dívida pública. Isso, por sua vez, tem levado a um aumento das taxas de juros e da inflação.

Outro fator que tem contribuído para a crise inflacionária é a desvalorização do peso argentino em relação ao dólar americano. A Argentina tem uma economia muito dependente das exportações, e a desvalorização do peso, somada à queda dos preços das commodities tem afetado a competitividade do país no mercado internacional.

A alta desvalorização do peso argentino faz com que os produtos importados pelo país se tornem cada vez mais caros e, portanto, amplifique a inflação no país. A influência da taxa de câmbio e a contínua desvalorização do peso argentino serão abordadas no subcapítulo 3.2.

A queda dos preços das commodities, mercado que é a principal atividade econômica do país, afeta a competitividade internacional e, por consequência, a inflação da Argentina, porque minimiza a entrada de dólares, advindos do comércio externo, no país.

**Gráfico 5 - Inflação Acumulada**



**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do INDEC (*Instituto Nacional de Estadística y Censos*) para o IPC

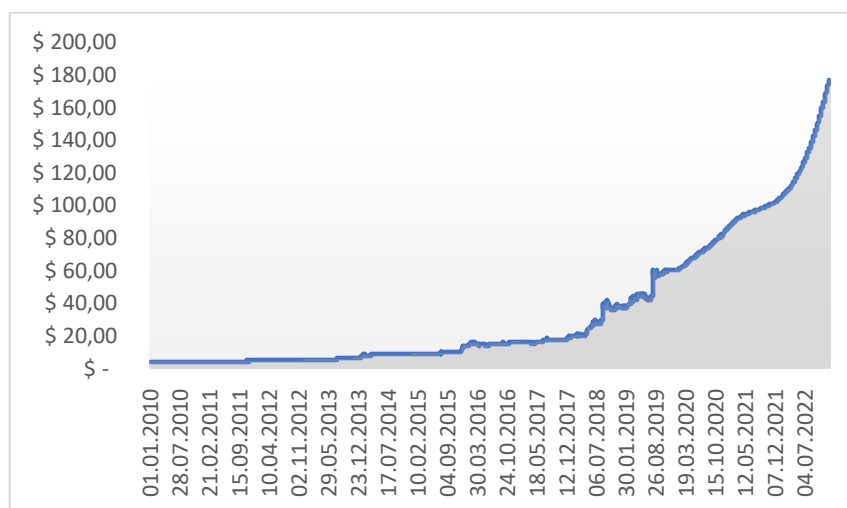
## 4.2. Câmbio

A análise quanto ao câmbio tem sido dificultada pela quantidade de taxas cambiais existentes para o dólar. Como publicado por Roberto Lameirinhas (2022), em artigo para o Valor Econômico, existem atualmente pelo menos quinze taxas de câmbios distintas na Argentina, que se diferenciam em cotação, atividades econômicas em que são aplicadas, volume de transação permitido, entre outros fatores.

A compra de dólar oficial no país é regulamentada pelo governo e, desde outubro de 2019, limitada a USD 200,00 por mês por pessoa. A tentativa de limitar o acesso à moeda estrangeira tem como objetivo proteger as reservas de dólares do país e evitar que as pessoas retirem dólares do sistema financeiro e depositem em outros países ou guardem em espécie. A medida foi implementada em meio a uma crise cambial que levou a uma queda acentuada nas reservas do Banco Central da Argentina, que foram reduzidas a menos de US\$ 7 bilhões em setembro de 2019.

Entretanto, esta foi uma das primeiras decisões que culminaram com a grave crise cambial atualmente, que já era alarmada nos anos anteriores. A adoção dessa medida deu indícios ao mercado da queda de confiabilidade dos consumidores argentinos em sua moeda e contribuiu ainda mais para a desvalorização do peso argentino frente ao dólar.

**Gráfico 6 - Câmbio USD/ARS**



Fonte: A autoria própria, utilizando dados do Investing.com para a taxa de câmbio entre 2010 e 2022

Tais limitações a compra de dólar e a crescente desvalorização do câmbio argentino fazem com que muitos recorram ao mercado de dólar paralelo, ou dólar blue. Apesar de ilegal, a prática é extremamente comum no país inteiro e sua cotação é mais elevada do que o dólar oficial, podendo chegar a valores inflados acima de 100%.

O mercado de dólar blue é alimentado, principalmente, por demandas que não são permitidas pelo dólar oficial, geralmente de menor volume por transação, como remessas de dinheiro para o exterior, investimentos no exterior e recebimentos e/ou pagamentos por bens e serviços de não-residentes argentinos que, ao pagarem em dólar devem ser convertidos em peso imediatamente.

O câmbio paralelo é um reflexo da crise econômica e das restrições cambiais impostas pelo governo argentino. As pessoas que não conseguem comprar dólares no mercado oficial recorrem ao câmbio paralelo, onde a oferta de dólares é maior, mas a taxa de câmbio é mais alta. O dólar blue é, portanto, uma maneira de contornar as restrições cambiais e obter acesso a dólares para transações que não são permitidas pelo câmbio oficial.

Para atender a certas demandas, que seriam limitadas pelo câmbio oficial ou recorreriam ao mercado paralelo de dólares, o governo argentino criou cotações específicas a fim de estimular ou desestimular determinadas atividades econômicas, como o dólar Coldplay para artistas e serviços de entretenimento contratados do exterior, dólar Netflix que incide sobre a contratação de serviços de streaming e o dólar Soja/de Exportação, criado para incentivar exportações e aumentar o acúmulo de reservas da moeda.

Para esse estudo, utilizaremos o câmbio oficial nas transações econômicas que cercam o futebol por ser uma atividade em constante centro de atenção na mídia, apresentar balanços financeiros para associados e para o mercado, fazer negócios em grandes volumes e por não ter uma taxa de câmbio específica, fazendo com que haja forte regulação para transações nesse meio.

Apesar disso, clubes argentinos ainda tentam diferentes mecanismos para driblar as restrições cambiais. Em agosto de 2022, como reportado por Andrés Engler (2022), o clube argentino Banfield vendeu o jogador Giuliano Galoppo ao São Paulo por meio de

criptomoedas como uma tentativa de contornar esse risco cambial, pois os exportadores são obrigados a trocar os dólares obtidos por pesos argentinos em até 5 dias.

Entretanto, era incerto se o clube argentino teria êxito em sua empreitada pois provavelmente seria obrigado a liquidar as criptomoedas e converter os dólares em pesos pela taxa de câmbio oficial, como reportou o CoinDesk.

Essa situação expôs não apenas a preocupação da população argentina em criar uma reserva em dólares pela desconfiança na moeda local, mas também a necessidade de clubes de futebol do país tentarem meios alternativos para que as transações realizadas em moeda estrangeira não fossem convertidas em pesos por conta da sua desvalorização contínua.

## **5. Comparação econômica entre Brasil e Argentina**

Brasil e Argentina são os dois dos maiores países, em termos de desenvolvimento e tamanho da economia, da América Latina. Como os demais países do bloco, possuem dificuldades semelhantes em seu processo de crescimento, como a crise fiscal, as crises políticas e a necessidade de reformas estruturais.

Entretanto, as diferenças na forma de lidar com esses desafios, seja no desenvolvimento de políticas econômicas ou nas estratégias para contornar as crises, também são significativas, o que faz com que seus efeitos e resultados tenham magnitudes distintas.

Como o objetivo deste estudo não é fazer uma profunda análise dos cenários econômicos dos países, mas sim observar o impacto da economia argentina nos resultados esportivos dos clubes de futebol em comparação ao Brasil, esse capítulo abordará os principais indicadores de atividade econômica brasileiros com o intuito de entender a discrepância entre os dois países nos últimos anos e contribuir para que os próximos capítulos expliquem como isso tem impactado o futebol.

### **5.1. Cenário econômico atual do Brasil**

Assim como foi feito para a situação econômica da Argentina no capítulo 3, iniciaremos a análise do cenário econômico atual do Brasil observando os principais acontecimentos dos últimos anos e como esses influenciaram para que a economia esteja no estágio atual.

A situação política do país nos anos recentes, a começar pelo período anterior às eleições presidenciais de 2018, exerce papel importante para compreendermos as oscilações econômicas que o país sofreu e vem sofrendo. Em 2015 e 2016, após seguidos anos de crescimento, o país experenciou períodos de graves recessões, como cita Luiz Carlos Bresser (2020) em seu artigo O Desafio Brasileiro.

Tal situação vivida contribuiu para que no meio de 2016 ocorresse o impeachment da presidente Dilma Rousseff, sob acusações de irresponsabilidade fiscal. Outro fator político importante na época foi a prisão do então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em meio a operação lava-jato, o que elevou ainda mais as expectativas e atenções dadas as eleições presidenciais de 2018, ao mesmo passo que o governo de Michel Temer passava por uma lenta recuperação econômica do país.

Em outubro de 2018, em eleições marcadas por intensa polarização, Jair Bolsonaro vence e torna-se o presidente da República, tendo que lidar com diversos desafios para buscar acelerar a recuperação econômica brasileira, estagnada após o impeachment de 2016.

O principal desses desafios, segundo o boletim macro do Instituto Brasileiro de Economia da FGV de novembro de 2018, era superar a grave situação fiscal e a capacidade



de reverter esse cenário, principalmente diante da necessidade de uma “profunda reforma da previdência”. O boletim reforça a urgência de que o país passasse por um forte ajuste fiscal com o objetivo de retomar a solidez nas contas públicas e assim expandir os investimentos em infraestrutura.

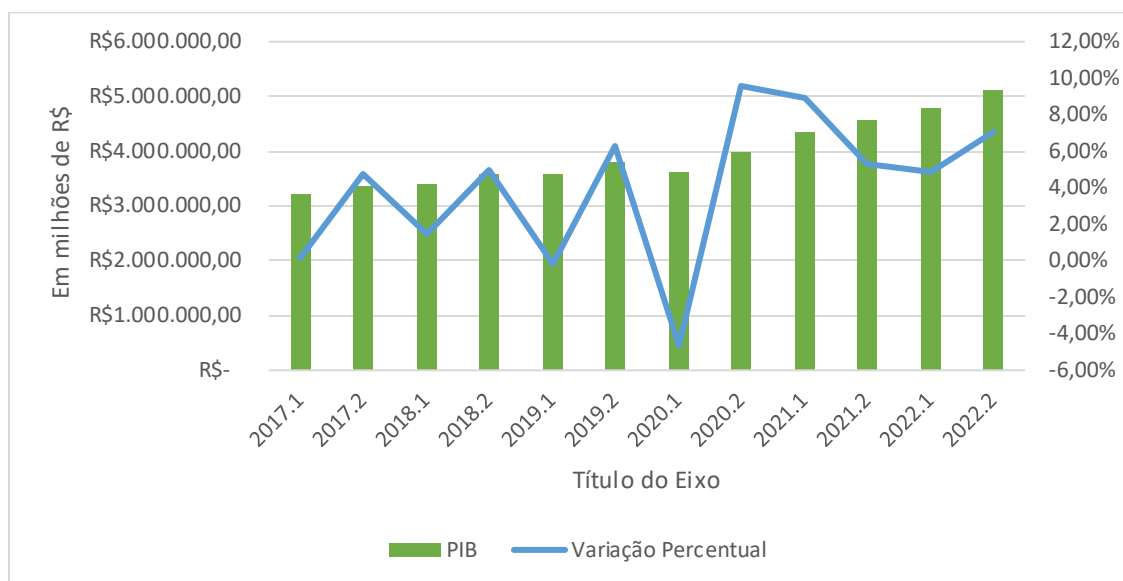
**Gráfico 7 – Relação dívida pública / PIB Brasil**



Fonte: Gráfico retirado do site Trading Economics (<https://pt.tradingeconomics.com/brazil/government-debt-to-gdp>)

As propostas para a reforma da previdência ocorreram e seu texto base foi aprovado pela Câmara dos Deputados em julho de 2019, estabelecendo a época um passo importante para resolver a crise fiscal do país, estabelecendo novas regras para a aposentadoria e a pensão dos trabalhadores, com o objetivo de reduzir o déficit da previdência social.

Porém, o que poderia vir a ser o início da recuperação fiscal e controle da dívida pública do país, foi fortemente impactado com a pandemia da Covid-19 em 2020. Em um cenário de total incerteza, drástica diminuição das atividades econômicas, crise sanitária entre outros diversos aspectos negativos provenientes da pandemia o nível de atividade do país foi fortemente impactado, levando a uma queda de quase 5% do PIB no primeiro semestre, comparado ao segundo semestre de 2019.

**Gráfico 8 - Crescimento do PIB por semestre**

Fonte: Autoria própria, utilizando dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para o PIB do país

Com o decaimento da atividade econômica no país, o governo precisou expandir seus gastos públicos e deteriorar a situação fiscal do Brasil para atender as pessoas mais prejudicadas pela pandemia da Covid-19, criando auxílios emergenciais entre outros programas de distribuição de renda, além de baixar as taxas de juros para tentar reaquecer, barateando o custo do crédito e incentivando os agentes da economia a tomarem empréstimos.

Após um ano tomado por incertezas econômicas, fiscais, da área de saúde entre outras que abalaram o sistema socioeconômico não só do Brasil, mas também do mundo, foi possível ver em 2021 uma retomada da atividade econômica, com níveis próximos aos anteriores da pandemia, ainda em um cenário de taxa de juros baixa e política fiscal expansionista.

Ao mesmo passo que essas medidas impulsionavam a economia brasileira interna no curto prazo, o país começava a ver um aumento significativo de sua taxa de inflação e de sua taxa de câmbio, essa última já em alta desvalorização desde o início da pandemia. Tais acontecimentos podem ser explicados porque a baixa taxa de juros associada ao aumento da atividade econômica e das políticas fiscais expansionistas aumentam o dinheiro em circulação no país, aumentando paralelamente a demanda por serviços e produtos que acabam elevando seus preços.

Com uma baixa taxa de juros e grande oferta de real em circulação somada ao período de instabilidade econômica global, o dólar e o euro acabam sendo moedas mais atrativas para os agentes do mercado pois oferecem menor risco frente ao real, que no momento não apresentava taxas atrativas para frear essa busca pela moeda estrangeira.

Para melhor explicar os conceitos, características e flutuações desses dois indicadores do mercado importante para o estudo que propomos nessa monografia, esse estudo irá dividi-los em subcapítulos.

## **5.2. Inflação**

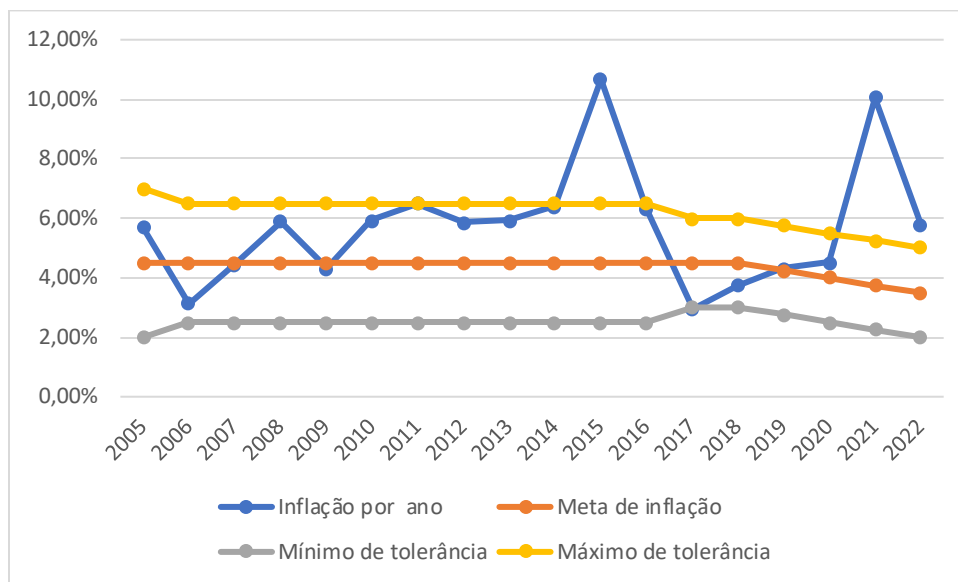
Após a estabilização econômica promovida pela adoção do Plano Real em 1994, encerrando um ciclo hiperinflacionário visto nas décadas anteriores, a inflação no Brasil foi relativamente controlada, seguindo as diretrizes estabelecidas pelo plano de metas para inflação. Entretanto, ainda assim houve momentos de pressões inflacionárias no século XXI que acompanharam crises econômicas no país.

A meta para inflação é um mecanismo importante, definida pelo Conselho Monetário Nacional, para que o Banco Central possa formular sua política monetária, isto é, determinar a taxa de juros do país para que a inflação alcance a meta estipulada. Quando a pressão inflacionária é alta, o Banco Central tende a aumentar a taxa de juros para desacelerar o nível de atividade, e quando essa pressão é baixa, o Banco Central diminui a taxa de juros incentivando o consumo e investimento. Como a inflação não depende somente da atuação da política monetária, mas de uma série de fatores macroeconômicos que envolvem a economia do país, e o Banco Central não tem absoluto controle dos preços e comportamento dos juros efetivos, há uma margem em torno das metas para que sejam oficialmente consideradas cumpridas.

Portanto, apesar de desde 2005 a inflação brasileira ter ficado abaixo da meta apenas 4 vezes, ela foi considerada oficialmente cumprida em 14 dos últimos 18 anos, mostrando certo controle do país e dos órgãos responsáveis por esse índice. As exceções são os anos de 2015, 2017, 2021 e 2022, marcados por períodos de crises econômicas, que levaram a ruptura desse controle inflacionário.

Entre 2014 e 2016 o Brasil entrou em recessão econômica e teve uma forte pressão inflacionária devido a uma série de choques de oferta e demanda, além de uma política fiscal malsucedida que agravou a crise. Com isso, em 2015, a inflação do país foi de 10,67% no ano, muito acima da meta estipulada de 4,50% e da tolerância máxima de 6,50%. Os anos de 2014 e 2016 também tiveram inflações próximas a tolerância máxima de 6,50%, 6,41% e 6,28% respectivamente, além de o período registrar dois anos consecutivos, 2015 e 2016, com crescimento econômico negativo.

Além disso, esse resultado teve uma consequência econômica/monetária com a adoção de uma alta taxa de juros no período por parte do Banco Central, com o objetivo de controlar a inflação para voltar a meta, e uma consequência política com o impeachment da então presidente Dilma Roussef sob acusação de fraude fiscal. A inflação um pouco abaixo da margem mínima de tolerância em 2017 (2,95% com a margem de 3%) é explicada pela alta taxa de juros no período como forma de desacelerar o nível de atividade e controlar a pressão inflacionária.

**Gráfico 9 - Inflação por ano no Brasil**

Fonte: Autoria própria, utilizando dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para a inflação do país e dados do Banco Central para metas de inflação

A inflação acima de 10% em 2021 é explicada pelas decorrências da crise sanitária da Covid-19. Com a pandemia, a atividade econômica do país teve crescimento negativo no ano de 2020, como pode-se observar no gráfico 8, devido a incerteza do mercado à época e das medidas de segurança adotadas para combater a doença. Com um nível baixo de produção e, conseqüentemente, de inflação, com o país apresentando deflação nos meses de abril e maio, o Banco Central reduziu fortemente as taxas de juros, chegando ao menor patamar da história do Brasil, 2% entre os meses de agosto de 2020 e março de 2021. Por conta disso, a atividade comercial cresceu de forma acelerada, voltando aos níveis pré-pandemia, mas trouxe consigo a alta inflação por conta desse crescimento rápido e vertiginoso, aliado ao avanço pressão inflacionária global que vivenciava um cenário econômico similar.

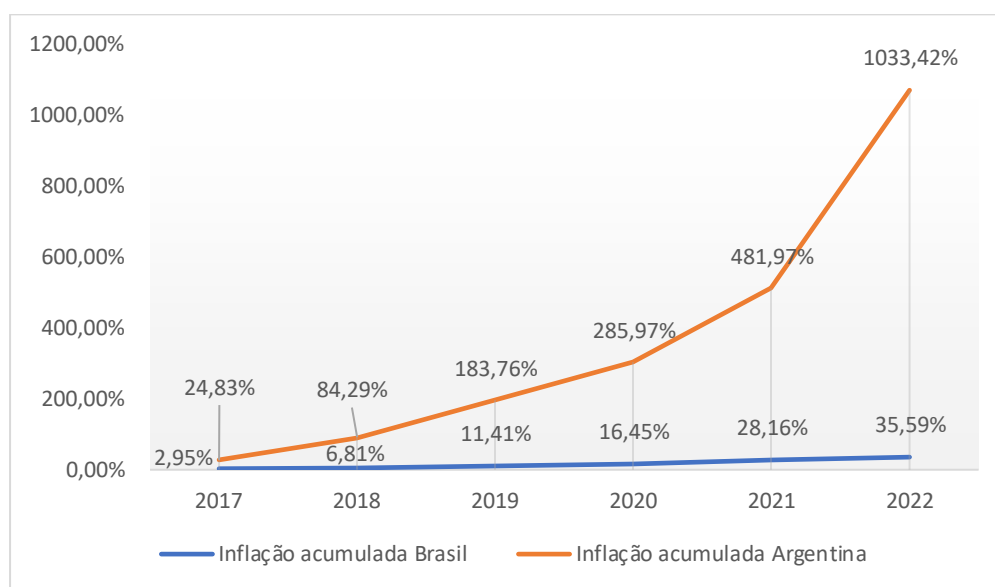
Em 2022 o nível de inflação, apesar de menor quando comparado a 2021, ainda era alto por conta das conseqüências da pandemia de Covid-19 e estava acima do máximo de tolerância da meta, fazendo com que o Banco Central mantivesse a política de juros altos, que variou de 2% em março de 2021 para 13,75% em agosto de 2022, para combater a crise inflacionária no período.

Ainda que o Brasil tenha sofrido com alguns momentos de estresse no nível de juros durante o século XXI, o país possui muito mais controle desse indicador econômico quando comparamos com a Argentina. Enquanto os brasileiros se depararam com uma inflação de 5,79% em 2022, os argentinos sofriam com esse nível de flutuação de preços mensalmente segundo dados do INDEC, com a inflação dos meses de julho e agosto superando 7%.

Usando como ano base 2016, a economia brasileira teve uma inflação acumulada até 2020 de 16% enquanto a economia argentina, no mesmo período, registrou um aumento nos preços de 285%. Quando expandimos para o período pós pandemia, os números são ainda mais alarmantes. Enquanto o Brasil registrou 35% de inflação acumulada entre 2016 e 2022, a Argentina teve, no mesmo período, uma inflação acumulada de 1033%, mostrando um descontrole sobre sua moeda e uma política monetária ineficaz para reverter a situação.

A consequência é uma organização e um crescimento econômico do Brasil superior a Argentina, com a diferença entre os países cada vez maior. Enquanto o Brasil, ainda que dependente e sensível ao mercado global, consegue ter efetividade em sua política monetária e atuação do Banco Central para controlar os níveis de inflação ao redor da meta, a Argentina uma crise inflacionária sem precedentes e que impacta diretamente sua economia e, evidentemente, os agentes com ela envolvidos.

**Gráfico 10 - Comparação inflação acumulada Brasil x Argentina**



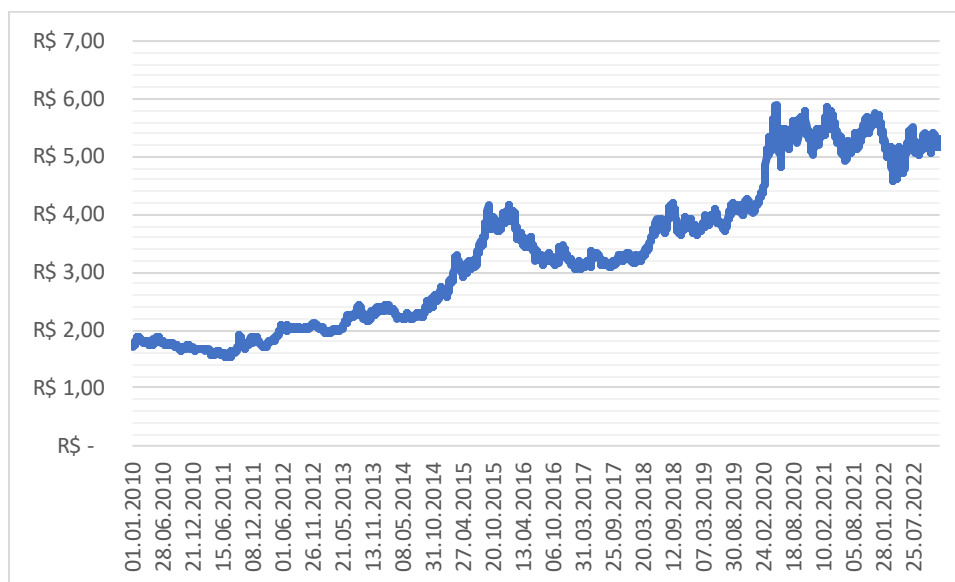
Fonte: Autoria própria, utilizando dados do IBGE e do INDEC para as inflações dos dois países

### 5.3. Câmbio

Assim como a inflação, a taxa de câmbio do Brasil possui maior volatilidade e momentos de estresse em cenários de crise econômica, como aconteceu entre 2014 e 2016 e na pandemia da Covid-19. Enquanto, segundo dados do site Investing.com, de janeiro de 2010 a janeiro de 2015, em um período de 5 anos, a taxa de câmbio em relação dólar cresceu cerca de 48%, em apenas 1 ano, de janeiro de 2015 a janeiro de 2016, a taxa de câmbio cresceu em 53% em decorrência da crise econômica.

Similarmente, no período da crise sanitária da Covid-19, o houve um crescimento acelerado da taxa de câmbio com relação aos anos anteriores, fazendo com que o preço do dólar que estava em torno de R\$ 4,07 nos primeiros dias do ano de 2020, pré-pandemia, saltasse para 5,89 reais em maio do mesmo ano, um aumento de quase 45% em apenas 5 meses. Esse aumento ocorreu por conta das incertezas geradas à época, com os investidores procurando resguardar seus recursos em moedas mais confiáveis e estáveis, como o dólar e o euro.

**Gráfico 11 - Variação do Câmbio USD/BRL**



Fonte: Autoria própria, utilizando dados do Investing.com para a taxa de câmbio entre 2010 e 2022

Assim, a taxa de câmbio e a valorização do real se mostram sensíveis tanto ao cenário econômico interno quanto aos efeitos da economia global. Em momentos de estresse do mercado, o câmbio se mostra muito mais volátil frente as principais moedas do mundo, como o dólar e o euro, que são as mais utilizadas no meio do futebol, principalmente em termos de transferências de atletas.

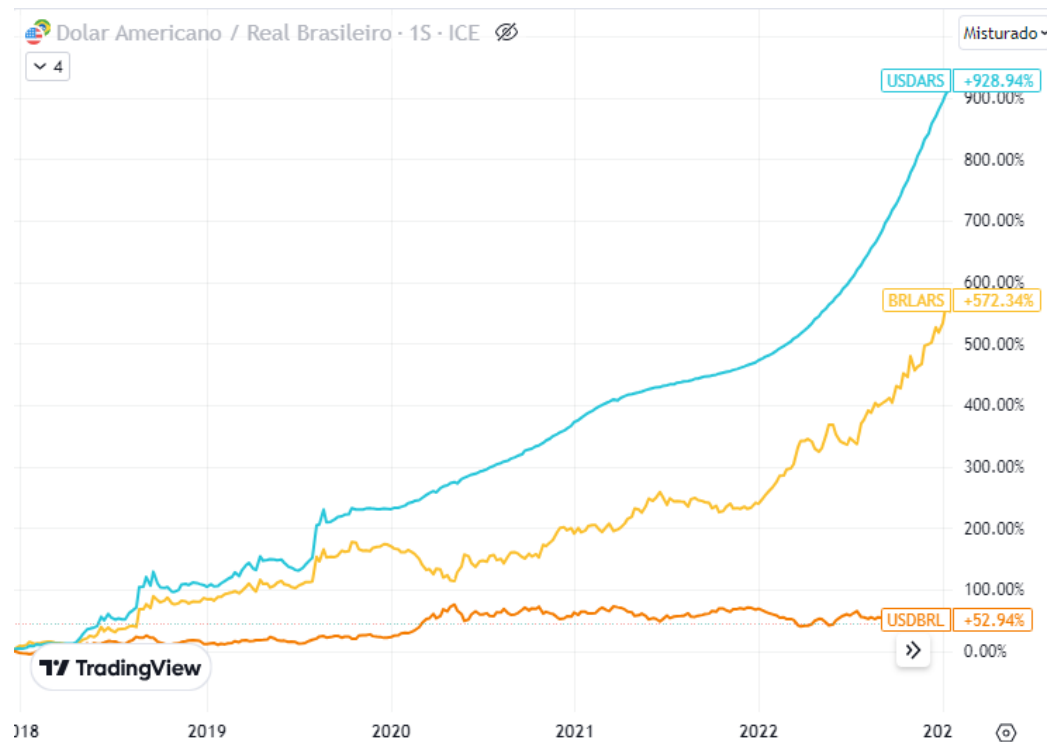
Apesar das pressões econômicas ao longo da última década, especialmente da pandemia da Covid-19, que desvalorizaram a taxa de câmbio do Brasil frente a moeda americana, quando comparado a flutuação do peso argentino, o real demonstra uma estabilidade significativamente maior na relação USD/BRL frente a USD/ARS e quando comparamos a taxa de câmbio entre as duas moedas.

Observando a partir da crise econômica de 2018 na Argentina, o peso argentino vem se desvalorizando de forma exponencial. Enquanto a taxa de câmbio do real para o dólar cresceu pouco mais de 50% entre 2018 e 2022, a taxa de câmbio da Argentina com relação

à moeda americana depreciou em mais de 900%, fazendo com que a moeda do país perdesse muito valor nesse período e com que a população argentina se depare com papel moeda de alto valor numérico, como a nota de 2000 pesos lançada em maio de 2023.

Quando comparamos a desvalorização do peso frente ao real também é notável que a crise cambial que o país vizinho vem sofrendo nos últimos anos é mais severa do que no Brasil, com a depreciação da moeda em cerca de 570% em um intervalo de 4 a 5 anos.

**Gráfico 12** - Variação USD/BRL, USD/ARS e BRL/ARS entre 2018 e 2022



**Fonte:** Gráfico retirado do site [clubedospoupadores.com](https://clubedospoupadores.com), com dados do TradingView (<https://clubedospoupadores.com/dolar>)

## 6. Mercado de Transferência no Brasil e Argentina

Segundo estudo publicado pela Fifa em agosto de 2021, o mercado de transferências de jogadores movimentou cerca de 48,5 bilhões de dólares nos 10 anos anteriores a publicação (desde 2011), sendo brasileiros e argentinos as nacionalidades mais transacionadas ao longo desse período.

A aquisição de novos jogadores é uma das principais formas de um time de futebol qualificar seu plantel para alcançar os objetivos dentro das competições. Nos campeonatos europeus, os clubes que frequentemente disputam os títulos e são campeões, como Real Madrid, Barcelona, Manchester City, Liverpool, Paris Saint Germain, entre outros, são normalmente, segundo dados do Transfermarkt, aqueles que mais gastam nas contratações de novos jogadores.

Esse capítulo se propõe a fazer uma análise comparativa entre os mercados de transferência brasileiro e argentino e como a economia de ambos os países afeta esse mercado.

**Tabela 4** – Times europeus que mais gastaram com aquisição de jogadores para formar o elenco

<b>Time (País)</b>	<b>Valor pago pelo plantel</b>
Chelsea (Inglaterra)	€ 1.020.000.000,00
Manchester City (Inglaterra)	€ 974.720.000,00
Manchester United (Inglaterra)	€ 899.580.000,00
Liverpool (Inglaterra)	€ 709.050.000,00
Paris Saint Germain (França)	€ 690.900.000,00
Real Madrid (Espanha)	€ 638.900.000,00
Arsenal (Inglaterra)	€ 554.360.000,00
Barcelona (Espanha)	€ 477.500.000,00

**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para valor pago pelo plantel de clubes europeus

### 6.1. Volume de aquisição de times brasileiros e argentinos

A capacidade de adquirir jogadores de maior talento para reforçar a equipe influencia nas chances dessa de disputar os principais títulos pelos quais ela compete. Assim como um produto com alta demanda ou em escassez, jogadores que são vistos tendo uma qualidade acima da média possuem maior valor aquisitivo e, portanto, jogam, normalmente, em times que despendem maior volume financeiro para fazer contratações.

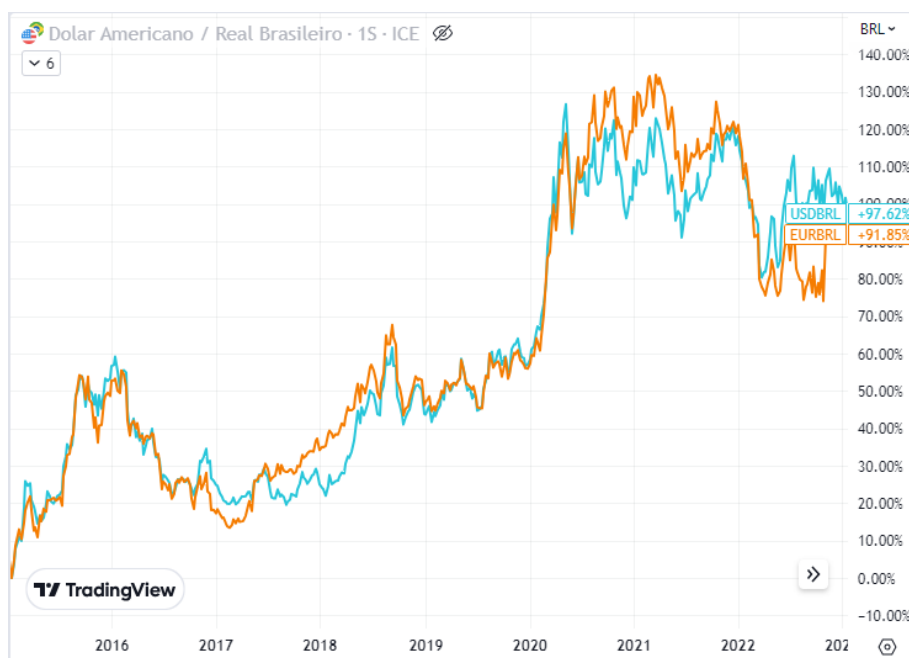
Logo, a análise comparativa entre os gastos com transferências dos clubes brasileiros e dos clubes argentinos pode explicitar uma das causas da recente disparidade das equipes tupiniquins com relação aos times do país vizinho.



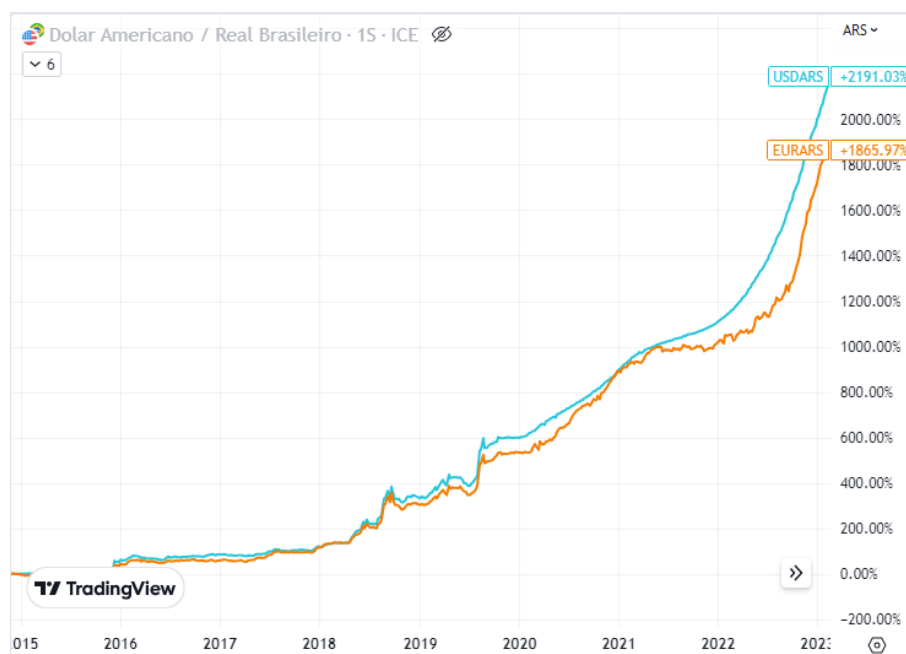
As negociações de jogadores entre clubes são normalmente realizadas em euro (€), muito por conta de as equipes europeias transacionarem grande parte do volume financeiro desse mercado, portanto os dados obtidos através do Transfermarkt, e expostos nesse capítulo, estarão nessa moeda.

Como as variações do dólar e do euro frente ao real e frente ao peso argentino foram similares no período observado (gráficos 13 e 14), esse estudo irá assumir que as implicações da taxa de câmbio do dólar com relação às moedas correspondentes a cada país, analisadas nos capítulos anteriores, terão efeitos semelhantes quando comparamos as moedas de Brasil e Argentina com o euro.

**Gráfico 13 - Variação USD/BRL e EUR/BRL**



**Fonte:** Gráfico retirado do site clubedospoupadores.com, com dados do TradingView (<https://clubedospoupadores.com/dolar>)

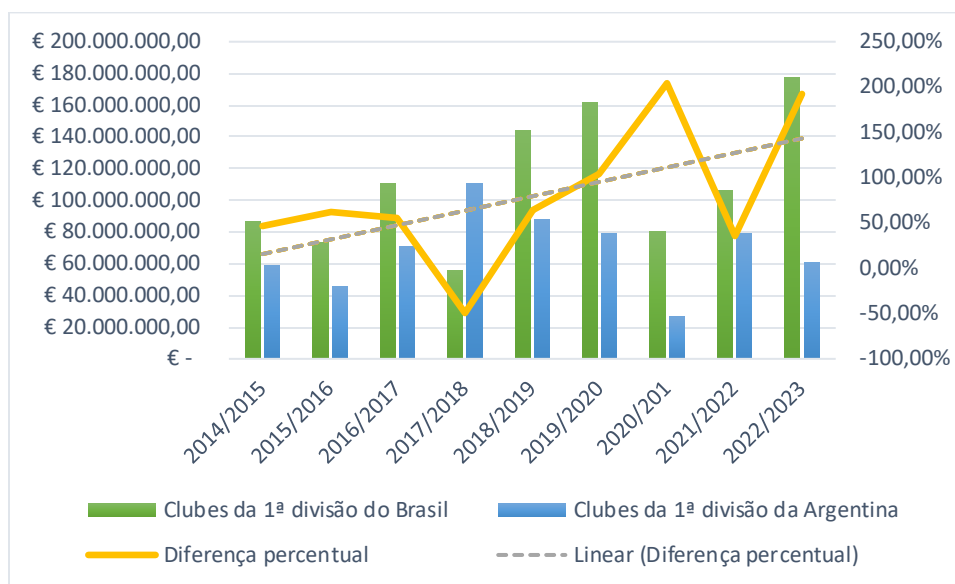
**Gráfico 14 - Variação USD/ARS e EUR/ARS**

**Fonte:** Gráfico retirado do site clubedospoupadores.com, com dados do TradingView (<https://clubedospoupadores.com/dolar>)

Observando o gráfico 15, é possível notar que os times brasileiros possuem, desde a temporada 2014/2015 (quando a temporada é escrita de forma X/Y, entenda-se por segundo semestre do ano X e primeiro semestre do ano Y) maior despesa com a aquisição de jogadores, com exceção da temporada 2017/2018.

Até a temporada 2018/2019, o volume financeiro gasto pelos clubes brasileiros com a transferência de novos jogadores era cerca de 50% maior em comparação aos clubes argentinos, o que já mostrava certa vantagem para contratações e formação de elenco. Porém, a partir da temporada 2019/2020, com o impacto da pandemia da Covid-19, a disparidade de recursos utilizados pelas equipes brasileiras na aquisição de atletas mais do que dobra, ultrapassando os 100% de diferença com relação aos times argentinos, expondo a diferença econômica que atravessam.

Enquanto nos clubes brasileiros da primeira divisão as despesas com contratações de jogadores atingem um novo recorde na temporada 2022/2023, chegando a 177 milhões de euros, os clubes da primeira divisão da Argentina ainda relutam para alcançar o nível de volume financeiro de transferências de atletas anterior a pandemia da Covid-19. Além desse dado demonstrar uma maior recuperação econômica dos times brasileiros após a pandemia, a linha de tendência da diferença percentual nos gastos com transferências, aliada às comparações dos índices econômicos no capítulo 4, indica que essa disparidade de aquisições de jogadores deve se agravar nas próximas temporadas.

**Gráfico 15 - Despesas com transferências**

**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para despesas com transferências

Essa diferença nas despesas com contratações de jogadores entre os clubes dos dois países reflete na montagem de elenco dos times. Atualmente, dos 15 clubes de Brasil e Argentina que mais gastaram para formarem seu plantel atual, 12 são brasileiros e apenas 3 são argentinos, o que faz com que as equipes brasileiras tenham mais chances de serem bem-sucedidas nas competições, já que concentram as transferências de talentos.

Como podemos observar na Tabela 2, essas 3 equipes argentinas citadas são River Plate, Racing e Boca Juniors, que conquistaram os últimos 6 títulos da primeira divisão do campeonato argentino. Similarmente, os campeões dos últimos 5 campeonatos brasileiros da primeira divisão são Flamengo, Palmeiras e Atlético-MG, que também estão entre os clubes que mais gastaram para formarem seus elencos.

No mais importante torneio continental de clubes na América do Sul, a Copa Libertadores da América, a predominância dos times que mais investiram em contratações para formarem os elencos atuais se mantém. Flamengo, Palmeiras e River Plate, as 3 equipes que mais tiveram despesas com transferências, conquistaram as últimas cinco edições do torneio. Além disso, Boca Juniors, Athletico-PR e Santos, que constam na tabela dos clubes que mais gastaram com aquisição de jogadores, também foram finalistas nessas edições.

**Tabela 5** – Os 15 times de Brasil e Argentina que mais gastaram com aquisição de jogadores para formar o elenco

<b>Time</b>	<b>País</b>	<b>Valor pago pelo plantel</b>
Flamengo	Brasil	€ 125.950.000,00
Palmeiras	Brasil	€ 61.500.000,00
River Plate	Argentina	€ 57.120.000,00
Bragantino	Brasil	€ 49.240.000,00
Racing	Argentina	€ 33.440.000,00
Atlético-MG	Brasil	€ 23.750.000,00
Boca Juniors	Argentina	€ 22.450.000,00
Vasco	Brasil	€ 19.990.000,00
Corinthians	Brasil	€ 19.270.000,00
São Paulo	Brasil	€ 18.640.000,00
Botafogo	Brasil	€ 17.000.000,00
Bahia	Brasil	€ 16.360.000,00
Athletico-PR	Brasil	€ 15.100.000,00
Grêmio	Brasil	€ 14.810.000,00
Santos	Brasil	€ 14.250.000,00

**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para valor pago pelo plantel de clubes brasileiros e argentinos

Dos 20 semifinalistas da Libertadores desde 2018, apenas 3 equipes, Vélez Sarsfield (Argentina), Barcelona (Equador) e Nacional (Uruguai), não constam na tabela 2. De acordo com os dados apresentados nesse subcapítulo infere-se, portanto, que há uma forte correlação entre o sucesso esportivo dos times e o valor despendido para formar os elencos. Assim como na maioria das atividades econômicas, aumento de investimentos no setor tende a levar a melhores resultados e o emprego de trabalhadores (no caso do futebol, atletas) mais qualificados e de maior talento gera maiores proveitos.

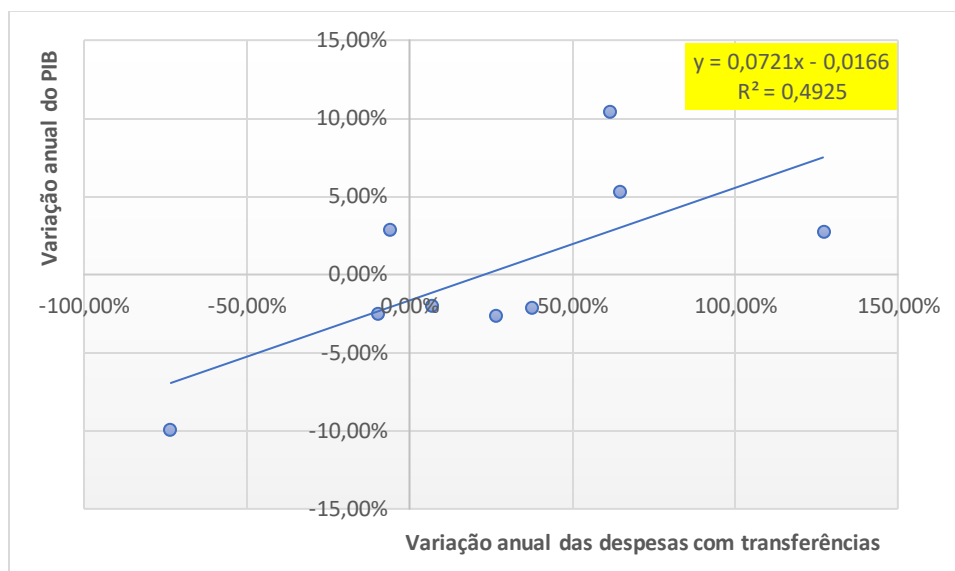
Assim, prosseguindo com o estudo que essa dissertação se propõe a fazer, é necessário demonstrar como a economia desses países impacta no sucesso esportivo dos clubes de futebol. Para entender o efeito no mercado de transferências, temos no gráfico 16 uma análise da correlação entre a variação anual do PIB da Argentina e a variação anual das despesas dos clubes argentinos com aquisições de jogadores, entre os anos de 2011 e 2022.

A linha de tendência no gráfico aponta uma correlação positiva entre os dois medidores, ou seja, de acordo com estes dados quando o PIB variou positivamente de um ano para outro, os gastos com transferências no mercado argentino tiveram tendência de também aumentarem. O oposto também pode ser dito, quando houve uma variação negativa do PIB da Argentina, houve uma tendência de queda no volume financeiro transacionado para adquirir jogadores.

Para verificar se essa correlação é fraca, moderada ou forte utiliza-se a raiz quadrada do coeficiente de determinação, que por sua vez demonstra o nível de confiabilidade da

regressão. No caso do gráfico 16, o coeficiente de determinação, expresso por  $R^2$ , foi de 0,4925, o que indica 49,25% do erro de previsão foi eliminado nessa regressão. Para que se determine a correlação (R) é necessário calcular a raiz quadrada de 0,4925, que equivale a 0,7017. Esse resultado aponta para uma correlação positiva e moderada a forte, o que pode ser interpretado como a variação do PIB argentino tendo de fato um impacto nas variações de gastos com transferências, mas não sendo um fator único e preponderante para tal.

**Gráfico 16** - Correlação entre variação anual do PIB da Argentina e variação anual das despesas com transferências dos clubes argentinos



**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para despesas com transferências dos clubes argentinos e dados do INDEC para o PIB da Argentina

## 6.2. Importação de jogadores do outro país

Outro fator importante na montagem de elenco dos clubes brasileiros e argentinos é a contratação de jogadores do país rival para qualificar seus times. Ao mesmo tempo que isso possibilita fortalecer as equipes de um país, acaba enfraquecendo as equipes do outro que acabam sofrendo com uma fuga de talentos.

No caso de Brasil e Argentina, vemos um movimento muito maior de jogadores argentinos vindo atuar em território brasileiro do que o contrário. Em artigo publicado pelo UOL, o jornalista Rafael Reis (2019) cita um dos motivos para, à época, haver apenas 1 jogador brasileiro atuando na Argentina enquanto 16 argentinos se espalhavam pelos 20 clubes da primeira divisão do campeonato brasileiro: “Os brasileiros sumiram da Argentina depois do crescimento do abismo financeiro existente entre o futebol dos dois países. [...] o dinheiro também ajuda a explicar por que o comércio entre os dois países virou uma via de mão única.”

Como pode-se observar nas tabelas 3 e 4, há um número muito maior de jogadores argentinos, e, portanto, um gasto maior com esses, saindo de seu país para se transferirem para os clubes do Brasil, se comparado aos atletas brasileiros fazendo o caminho inverso. Desde a temporada 2016/2017 mais de 40 jogadores vindos da Argentina chegaram às equipes brasileiras, movimentando 60 milhões de euros com suas contratações, enquanto apenas 3 atletas do Brasil foram se aventurar no país vizinho.

**Tabela 6** - Jogadores argentinos, em clubes argentinos, que se transferiram para clubes da primeira divisão do Brasil

<b>Temporada</b>	<b>Quantidade de jogadores</b>	<b>Custo total</b>
2016/2017	5	€ 4.550.000,00
2017/2018	5	€ -
2018/2019	4	€ 3.307.000,00
2019/2020	2	€ 2.630.000,00
2020/2021	6	€ 10.280.000,00
2021/2022	6	€ 5.530.000,00
2022/2023	15	€ 35.748.000,00

**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para transferências de clubes brasileiros no período indicado

**Tabela 4** - Jogadores brasileiros, em clubes brasileiros, que se transferiram para clubes da primeira divisão da Argentina

<b>Temporada</b>	<b>Quantidade de jogadores</b>	<b>Custo total</b>
2016/2017	0	€ -
2017/2018	1	€ 570.000,00
2018/2019	1	€ -
2019/2020	1	€ 600.000,00
2020/2021	0	€ -
2021/2022	0	€ -
2022/2023	0	€ -

**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para transferências de clubes argentinos no período indicado

Entretanto, essa emigração de argentinos não é exclusividade do futebol nem tampouco é um fenômeno recente, mas que se agrava com a crescente disparidade econômica entre os dois países. Segundo o artigo ‘Migração de argentinos para o Brasil: o caso de Armação de Búzios (RJ)’, escrito por Jimena Harguindeguy (2007), na década de 1980 mais de 26.000 argentinos estavam presentes no Brasil. No ano da pesquisa estimava-se que 18% dos imigrantes no Brasil de países do Mercosul vinham da Argentina.

Em matéria da Folha de São Paulo, escrita por Mayara Paixão (2023), dados reunidos pelo Observatório das Migrações Internacionais apontaram um aumento de 21,7% no número de argentinos que vieram ao Brasil e solicitaram residência com relação a 2019,

ano pré-pandemia da Covid-19. Com relação a 2021 esse aumento é de 82% maior, ou seja, os efeitos e consequências da crise sanitária impulsionam a vinda desses imigrantes, reforçado por um argentino entrevistado na matéria que diz “A crise foi o efeito desencadeador” referindo-se ao agravamento da crise econômica no país vizinho. Ele ainda reforça “[...] Ganho três vezes mais no Brasil.”

Portanto, torna-se cada vez mais frequente a saída de argentinos de seu país natal em busca de melhores condições econômicas e financeiras no Brasil. No meio do futebol, isso acaba caracterizando-se também como uma fuga de cérebros, nesse caso de jogadores talentosos, que buscam rendimentos maiores em um mercado caracterizado por pagar altos salários. Como destacado em artigo de Gabriel Carneiro (2019), com empresários de futebol entrevistados, “[...] no Brasil os times de elite pagam muito bem, e na Argentina são poucos os clubes que podem pagar um salário de R\$ 200 mil.” Nessa “Via de mão única”, como citado no artigo, os clubes brasileiros conseguem ao mesmo tempo reforçarem seus elencos e enfraquecerem as equipes argentinas.

### **6.3. Receitas com transferências**

Parte significativa do faturamento dos clubes de futebol, especialmente no Brasil e na Argentina, vem das receitas com transferências. Ao mesmo tempo que elas possuem um impacto positivo no caixa das equipes, geram questionamentos da capacidade de países conhecidamente exportadores de jogadores conseguirem reter seus talentos. Vinicius Jr (Brasil), Rodrygo (Brasil), Lautaro Martínez (Argentina) e Enzo Fernández (Argentina) são exemplos de jovens jogadores que deixaram seus países natais com poucos anos de carreira profissional, por altas cifras comparadas as vendas casuais de atletas sul-americanos para o continente europeu, e atualmente são destaques do futebol mundial nos clubes de ponta da Europa.

Desde a temporada 2014/2015, o Brasil sucessivamente vem gerando maior receita com a venda de jogadores quando comparado a Argentina, com exceção da última temporada, 2022/2023, em que o volume financeiro recebido pelos argentinos superou, pela primeira vez no período analisado, o brasileiro. Diferentemente do que ocorre com os gastos em contratação, a diferença entre as receitas dos dois países vem diminuindo a partir da pandemia da Covid-19, como mostra a tendência linear de diferença percentual no gráfico 17.

Os motivos para as diferenças e variações no volume gerado pelas vendas de jogadores têm explicações tanto esportivas como econômicas. Primeiramente, os clubes sul-americanos possuem a alcinha de serem times exportadores de atletas, com Brasil e Argentina sendo 1º e 3º, respectivamente, entre os países que mais possuem jogadores atuando no exterior, segundo reportagem de Raffaele Poli, Loïc Ravenel and Roger Besson (2023) para o CIES (Centro Internacional de Estudos de Esporte).

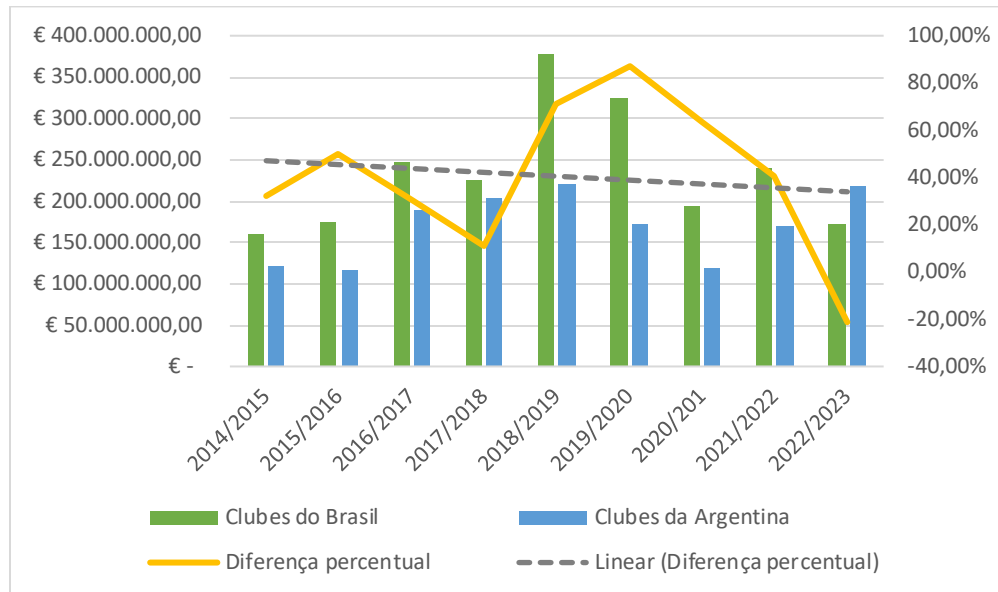
O volume financeiro nas vendas de jogadores pode ser explicado tanto pela necessidade dos clubes sul-americanos em gerar receita para baterem suas metas orçamentárias como pela valorização ou desvalorização dos atletas. Assim, equipes que passam por situações econômicas delicadas são incentivadas a vender mais atletas para cumprir com suas obrigações operacionais enquanto clubes que possuem maior poderio financeiro, estão na elite esportiva de suas competições e constantemente disputando o título, possuem menor necessidade de vender muitos jogadores e os fazem por preços maiores por eles valorizarem-se quando estão performando bem, isto é, conquistando os maiores objetivos que são as conquistas dos torneios.

Como os motivos para as flutuações das receitas com transferências são diversos e podem ser contraditórios ao mesmo tempo, um clube em alta não necessita vender muitos jogadores mas consegue vender poucos por um alto preço, observando essa evolução no gráfico 17 não foi possível precisar com exatidão os motivos para ela estar dessa forma, mas podemos inferir que pela melhora de performance dos clubes brasileiros até 2019/2020, estes conseguiram aumentar a diferença percentual em comparação às vendas das equipes argentinas. Nas temporadas subsequentes há um decaimento por conta da pandemia da Covid-19 que afetou o mercado de transferências no mundo todo, mas podemos citar a necessidade dos clubes argentinos de venderem mais em decorrência do escalonamento da crise econômica como um dos motivos para que a diferença no volume de receita tenha caído.

É importante destacar que dentre os 217 milhões de euros gerados pelos argentinos com receitas de transferências na temporada 2022/2023, mais de 35 milhões de euros foram de aquisições por parte de clubes brasileiros, como mostrou a tabela 3. Como a diferença entre as receitas nessa temporada atípica, se comparada as outras no período, ficou em torno de 45 milhões de euros e não houve contratações de brasileiros por parte das equipes argentinos, pode-se destacar que uma das razões para que a Argentina tenha lucrado mais com as vendas de jogadores na temporada em questão é o fato de justamente estar perdendo seus atletas para o Brasil, qualificando os times rivais.



**Gráfico 17 - Receitas com transferências**



**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados do Transfermarkt para receitas com transferências

## **7. Resultado financeiro e esportivo dos clubes**

O equilíbrio entre o resultado esportivo e o resultado financeiro dos times de futebol é um dos principais desafios das diretorias e executivos que administram as equipes. Os clubes dependem de diversas fontes de receita para arcar com seus custos operacionais e investimentos. As conquistas e o sucesso nas competições acompanham, normalmente, os clubes que mais investem em transferências de jogadores, como pode-se observar no capítulo 5. O êxito esportivo, por sua vez, também costuma impulsionar o setor financeiro das equipes ao aumentar a venda de ingressos, o interesse de patrocinadores e, principalmente, a valorização dos atletas.

Entretanto, para que se aumente os gastos com contratações de jogadores em vista de alcançar as conquistas no futebol, é esperado que a receita e o resultado financeiro dos clubes também aumentem, possibilitando maior verba para esse fim. De acordo com o estudo de Henrique Matavelli (2017), “A margem líquida apresenta relação positiva com o aproveitamento. [...] mostrando que equipes que maximizam seus lucros apresentam desempenho superior” ao se referir sobre os resultados observados em seu artigo. Por isso, esse capítulo irá procurar apresentar os resultados financeiros e esportivos dos principais clubes do Brasil e da Argentina.

### **7.1. Receitas dos clubes**

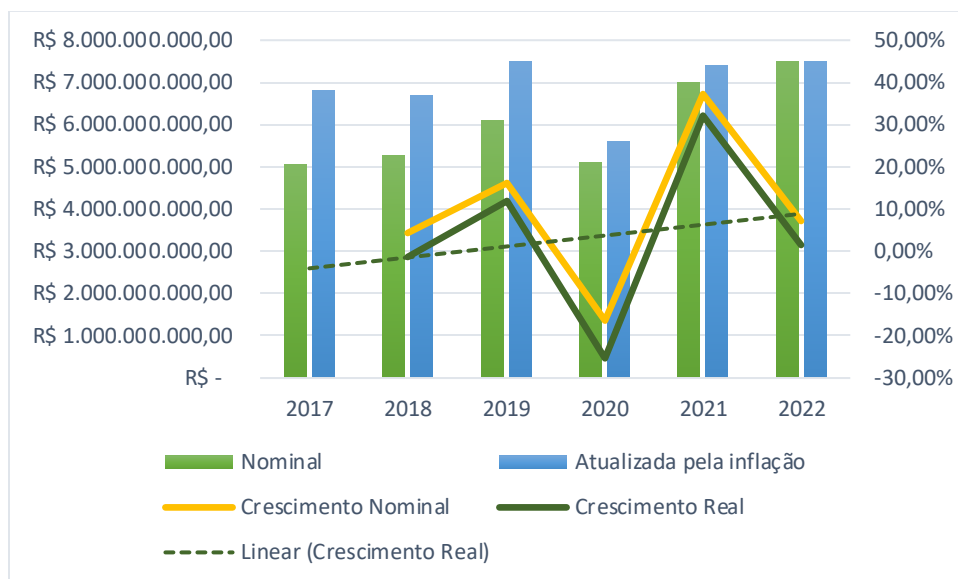
Primeiramente, durante a elaboração dessa parte do estudo, encontrou-se dificuldade significativa para encontrar as receitas da Liga Argentina, como exposto em estudo feito por Amir Somoggi (2021) sobre ligas emergentes do futebol mundial, em que dizia que “México e Argentina não apresentam dados financeiros públicos dos números.” Além disso, houve também dificuldade em obter o histórico de balanços financeiros dos clubes argentinos uma vez que muitas equipes, como Boca Juniors e River Plate, disponibilizavam apenas o balanço do ano anterior ou restringia o acesso somente para sócios e filiados.

Assim, os dados aqui apresentados foram retirados de trabalhos anuais realizados pela consultoria esportiva SportsValue sobre as finanças dos 20 clubes brasileiros com maiores receitas em cada ano. Além disso, serão utilizados dados de um estudo feito pela Pluri Consultoria (2019) sobre as 60 equipes de futebol de maiores receitas nas Américas no ano de 2018.

Analisando as últimas 6 temporadas, vemos um crescimento constante na receita nominal dos clubes brasileiros, atingindo uma máxima histórica em 2022 de R\$ 7,5 bilhões. A exceção nesse crescimento contínuo fica por conta do ano de 2020, marcado pela pandemia da Covid-19, que derrubou as receitas dos clubes em 16% devido as decorrências econômicas já expostas nesta monografia. Quando mudamos a atenção para o crescimento real das receitas, isto é, os valores atualizados pela inflação, vemos que o faturamento dos clubes brasileiros voltou aos níveis pré-pandemia, ainda não os superando justamente por

conta da alta inflação nos anos de 2021 e 2022. Ainda assim, a linha de tendência do crescimento real, no gráfico 18, mostra que esses clubes vêm aumentando sua receita real ao longo desses anos.

**Gráfico 18** – Acumulado das 20 maiores receitas dos clubes brasileiros por ano



**Fonte:** Autoria própria, utilizando dados da SportsValue para receitas dos clubes brasileiros

No estudo feito pela Pluri Consultoria (2019), 19 dos 60 times de maior receita nas Américas em 2018 eram brasileiros, enquanto apenas 8 eram argentinos, o que já representava, à época, uma grande diferença econômica nos clubes dos dois países. Fazendo uma comparação entre o faturamento dessas 8 equipes argentinas com as 8 equipes brasileiras de maiores receitas temos que os brasileiros somavam 950 milhões de dólares e os argentinos 553 milhões de dólares, uma diferença de mais de 70%.

À medida que adicionamos mais times à comparação, somados aos acontecimentos econômicos dos últimos anos, vemos uma disparidade ainda maior dos clubes brasileiros nos dias de hoje. Voltando a apresentação produzida pela SportsValue, em 2023, foi feito, juntamente a análise dos clubes do Brasil, um estudo das receitas das equipes argentinas da primeira divisão em 2022, que totalizaram R\$ 940 milhões, uma diferença de quase 700% do faturamento de R\$ 7,5 bilhões dos times brasileiros.

Esses resultados, somado às comparações feitas no capítulo 5 sobre o mercado de transferências, mostram que a diferença econômica entre os clubes dos dois países vem crescendo de forma significativa nos últimos anos. Apesar de as equipes argentinas de maior poderio financeiro, River Plate, Boca Juniors e Racing, terem números que as colocariam na elite financeira do futebol brasileiro, a distância econômica delas cresce para seus principais concorrentes do país vizinho, Flamengo, Palmeiras, Atlético-MG entre

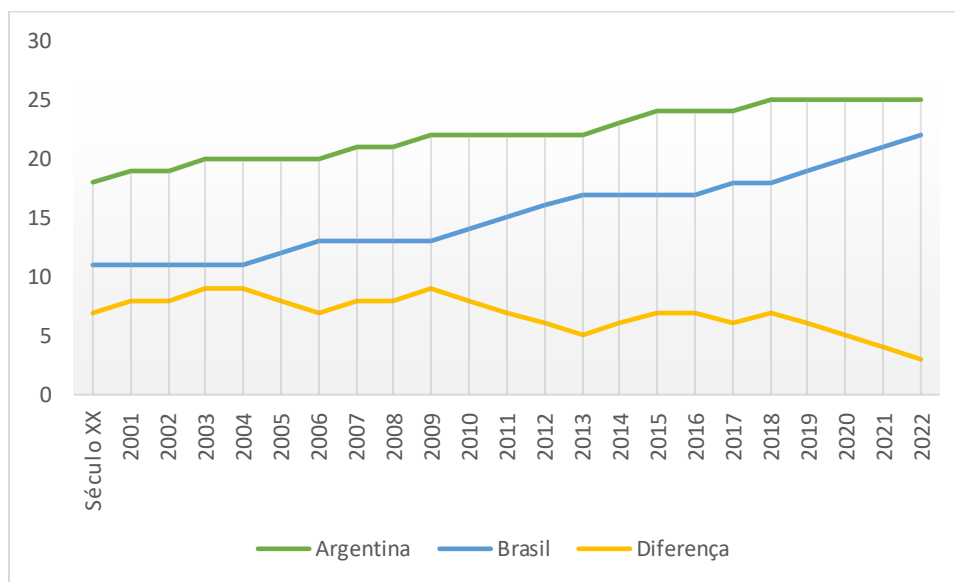
outros, além de os demais times da Argentina estarem muito abaixo financeiramente de quase todas os clubes da primeira divisão do Brasil.

## 7.2. Resultados esportivos nos últimos anos

A Copa Libertadores da América, competição de clubes de futebol mais importante da América do Sul, foi predominantemente vencida pelas equipes argentinas no século XX e no início do século XXI. Quando o Boca Juniors venceu a edição de 2000, a diferença no número de títulos conquistados por argentinos e brasileiros era de 7 troféus, 18 para os times da Argentina e 11 para os times do Brasil. Até o ano de 2009, pico da diferença no número de conquistas juntamente com 2003 e 2004, os clubes argentinos permaneciam com esta larga vantagem o que gerava, no senso comum, um temor por parte dos torcedores brasileiros de enfrentarem essas equipes.

A partir de 2010, os brasileiros começam a equiparar as conquistas. Se nos 9 anos anteriores, eles haviam conquistado apenas 2 títulos e os argentinos 4, nos 6 anos seguintes a situação se inverte com os clubes do Brasil obtendo o êxito 4 vezes e os da Argentina apenas 2. Mas é a partir de 2017 que o “domínio do Brasil na América do Sul[...]”, como cita Rodrigo Bueno (2022) em matéria para a ESPN, passa a ser notório. Conquistando 5 das 6 Libertadores disputadas entre 2017 e 2022 (Grêmio, Flamengo 2 vezes e Palmeiras 2 vezes), os brasileiros viram a diferença de títulos cair para apenas 3, com os argentinos ganhando apenas 1 torneio (2018) nos últimos 6 anos.

**Gráfico 19** - Acumulado de títulos da Copa Libertadores



Fonte: Autoria própria

Não apenas as conquistas dos clubes brasileiros tiveram um aumento expressivo no período, mas também a participação em finais foi significativa, sendo 8 dos últimos 12 finalistas (Flamengo 3 vezes, Palmeiras 2 vezes, Grêmio 1 vez, Santos 1 vez e Athletico-PR 1 vez). Destaca-se, também, que as finais de 2020, 2021 e 2022 foram disputadas apenas por equipes do Brasil. Os argentinos, por sua vez, estiveram presentes 4 vezes nas finais nos últimos 6 anos, disputando o título entre eles (Boca Juniors x River Plate) uma vez, em 2018.

Apesar da queda nos últimos anos em relação às campanhas e títulos conquistados no mais importante torneio sul-americano, o cenário econômico da Argentina, embora seja prejudicial ao desenvolvimento das equipes, não parece afetar a formação de talentos no país, mas sim a retenção deles. Na última final de *Champions League*, torneio de clubes mais importante da Europa, ambos os times, Inter de Milão e Manchester City, possuíam atletas argentinos na equipe. Além disso, a Argentina é a atual vencedora da Copa do Mundo, algo que comprava que seus jogadores são talentosos. Ainda assim, apenas um atleta integrante do grupo que participou da conquista da taça jogava em um clube argentino no período em que disputaram o torneio, sendo que esse não chegou a jogar nenhum jogo na competição.

## 8. Conclusão

Em resumo, a crise econômica vivenciada pela Argentina tem tido impacto significativo no rendimento dos clubes argentinos, em comparação aos brasileiros, na principal competição da América do Sul. Em um torneio onde as equipes argentinas costumavam prevalecer sobre o resto dos times, viram seu protagonismo passar para o lado brasileiro por distanciarem-se cada vez mais economicamente, tendo menor poder de aquisição de jogadores, de retenção de talentos e perdendo atletas para os próprios concorrentes.

Desde a pandemia da Covid-19, a Argentina tem sofrido com uma série de agravantes econômicos que fazem com que o país ainda não tenha chegado ao nível de atividade do ano anterior a crise sanitária, mesmo com uma inflação anual cada vez mais elevada.

A situação econômica do país tem se deteriorado nos últimos anos, alcançando altos níveis inflacionários que levam a uma inflação acumulada, desde 2016, que ultrapassa os 1000%. Para exemplificar, Artur Scaff (2023), em matéria para o E-investidor, apontou um levantamento de dados feito pelo The Economist em que o preço de um Big Mac, lanche produzido pelo McDonald's, custava, em julho de 2022, 590 pesos, enquanto no Brasil o preço era de 22,90 reais, mostrando o enfraquecimento da moeda argentina.

Como consequência dessa conjuntura, o câmbio do país frente ao dólar e ao real tem se depreciado de forma exponencial, criando situações no país de restrição à compra da moeda americana por pessoas físicas, um mercado de dólar blue muito difundido, apesar de ilegal, com uma cotação muito acima da cotação oficial e uma série de câmbios para diferentes setores da economia, como o dólar Coldplay para fomentar o setor de cultura e entretenimento. Essa desvalorização do câmbio acaba sendo prejudicial às equipes argentinas que têm boa parte da sua receita na moeda local, mas para a aquisição de jogadores precisam negociar majoritariamente em euro e dólar, as principais moedas do mercado de transferências.

Logo, é observável o quanto a questão econômica da Argentina tem impactado os clubes a competirem com as equipes brasileiras. Embora em momentos de estresse do mercado o Brasil também tenha tido oscilações em seu nível de atividade, inflação e câmbio, os times brasileiros não parecem sofrer como os argentinos esses efeitos, que são mais brandos do que no país vizinho, quebrando recordes de despesas com transferências e conseguindo manter um alto gasto com seus plantéis.

Apesar disso, é necessário reforçar que a crise econômica argentina não parece ter impactado na produção de jogadores talentosos no país, haja visto que esses estão presentes nos clubes mais importantes e competitivos do futebol europeu, além de terem sido responsáveis por conquistar a Copa do Mundo de 2022, o maior torneio entre seleções no mundo.

## 9. Bibliografia

BELLUZO, Luiz Gonzaga. Observatório da economia contemporânea: Argentina, as desdidas dos Hermanos. 2022.

FERNANDES, Orlando Assunção. Reflexos da crise Argentina. 2022.

TREVISAN, Karina. Brasil x Argentina: por que a crise do país vizinho é mais delicada? 2021.

MEROLLA, Daniel. Dez anos atrás, a Argentina se afundava em um 'corralito'. 2021.

TADDEO, Luciana. Entenda estratégia da Argentina para driblar câmbio informal com nova regra a turistas. 2022.

ALVES, Jacy de Freitas; CIRINO, Jader Fernandes; CASSUCE, Francisco Carlos da Cunha. Determinantes do aproveitamento final de pontos das equipes nos campeonatos brasileiro e argentino de futebol. 2019.

BREITKREITZ, Luciano Anderson. Brasil e Argentina: analisando a rivalidade entre os dois países. 2016.

BITTENCOURT, Caio. Agravamento da crise econômica afeta os clubes argentinos. 2022.

PADINGER, Germán. Por que a economia argentina está em crise e como chegou nesta situação. 2022.

HERMES, Felipe. Como Cristina Kirchner ajudou a destruir o futebol argentino. 2022.

LAMEIRINHAS, Roberto. Saiba quais são as 14 cotações do dólar na Argentina. 2022.

ERNST & YOUNG; CBF. Impacto do futebol brasileiro. 2019.

GRAFIETTI, Cesar. Como a Covid-19 afeta o futebol brasileiro. 2020.

SANDES, Arthur. Dólar a R\$ 4,50: como o recorde no câmbio impacta os clubes brasileiros. 2020.

BANCO CENTRAL DE LA REPÚBLICA ARGENTINA. Informe de Estabilidad Financiera. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND. Inflation rate, average consumer prices.

PEREIRA, Luiza Carlos Bresser. O desafio brasileiro: a crise do neoliberalismo e a alternativa novo-desenvolvimentista. 2020.

FIFA. FIFA publishes report on ten years of international transfers. 2021.

MATAVELLI, Henrique Rodrigues. Mensurando a relação entre o desempenho financeiro e desempenho esportivo de clubes de futebol. 2017.

HARGUINDEGUY, Jimena. Migração de argentinos para o Brasil: o caso de armação dos búzios (RJ). 2007.

PAIXÃO, Mayara. Argentinos emigram ao Brasil em número recorde em meio a crise pós-Covid. 2023.

REIS, Rafael. Por que o Campeonato Argentino tem apenas 1 jogador brasileiro? 2019.

CARNEIRO, Gabriel. Via de mão única. 2019.

COBOS, Paulo. Muito mais rico, Brasil 'empatar' com Argentina na Libertadores e Sul-Americana é fiasco. 2023.

SOMOGGI, Amir. Finanças dos clubes brasileiros em 2017. 2018.

SOMOGGI, Amir. Finanças dos clubes brasileiros em 2018. 2019.

SOMOGGI, Amir. Finanças TOP 20 clubes brasileiros em 2020. 2021.

SOMOGGI, Amir. Finanças TOP 20 clubes brasileiros em 2021. 2022.

SOMOGGI, Amir. Finanças TOP 20 clubes brasileiros em 2022. 2023.

SOMOGGI, Amir. Avaliação econômica dos clubes brasileiros em 2020: valuation inédito dos TOP 30 clubes do Brasil. 2020.

SOMOGGI, Amir. Ligas emergentes do futebol mundial. 2021.

PLRUI CONSULTORIA. Gigantes das Américas 2019: os 60 clubes de maiores receitas das Américas. 2019.

BUENO, Rodrigo. Domínio do Brasil na América do Sul é o maior de um país em seu continente na atualidade. 2022.

POLLI, Raffaele; RAVENE, Loïc; BESSON, Roger. Global study of football expatriates (2017-2023). 2023.